

OMEUTHEATRO

DE
EZEQUIEL
WANDERLEY



TIA QUITERIA



COMO ISTO
AQUI ESTA'
MUDADO!



A MORTALHA DE ROSAS



ELLE...ELLAS...E A OUTRA...

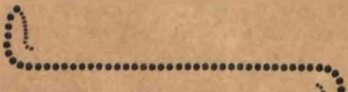


OS CAJUS DO PAPAI

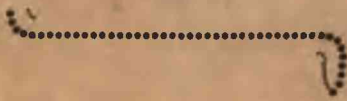


A DOENTINHA

RIO GRANDE DO NORTE - NATAL - 1926



O Meu Theatro



EZEQUIEL WANDERLEY



8869.2
W245^m

869.2B
W245^m

O Meu Theatro

*NATAL—Rio Grande do Norte—
1927*

 **BIBLIOTECA**
Instituto Histórico e Geográfico
do Rio Grande do Norte

IMPRENSA DIOCESANA
NATAL

Amfilanthea

Repertorio d'O MEU THEATRO

— MONOLOGO DO AUTOR	Paginas	n ^{os}	I	a	III
— A MORTALHA DE ROSAS	»	»	5	»	22
— TIA QUITERIA	»	»	35	»	57
— OS CAJÚS DO PAI	»	»	62	»	76
— ELLE... ELIAS... E A OUTRA... .	»	»	80	»	105
— A DOENTINHA	»	»	110	»	132
— COMO ISTO AQU'STÁ MUDADO !... .	»	»	134	»	139

A CRITICA E OS CRITICOS

— OPINIÕES	Paginas	n ^{os}	142	e	143
— A MORTALHA DE ROSAS	»	»	144	a	146
— APOTHEOSE	»	»	148		
— MORTAERHA DE ROSAS	»	»	149		
— THEATRO CARLOS GOMES	»	»	150	a	153
— PELA ARTE	»	»	154	»	156
— CARTA DE UMA ARTISTA	»	»	157		

DO MESMO AUTOR

JÁ PUBLICADOS :

— BALÕES DE ENSAIO — volume de chronicas literarias, edição esgotada.

— POETAS DO RIO GRANDE DO NORTE — volume de collectanea, edição esgotada.

A SEREM PUBLICADOS :

— A FLOR DO BAILE — drama, em 4 actos, representado no *Theatro Carlos Gomes*, pelo *Gymnasio Dramatico*.

— O HOMEM ESTATUA — drama, em 3 actos, extrahido do romance do mesmo titulo, e representado no *Theatro S. João*, da cidade do Assú, pelo *Recreio Juvenil Assuense*.

— O PAPA-GERIMÚ — revista de costumes e critica locaes, em 3 actos, representada no *Theatro Carlos Gomes*, pelo *Gymnasio Dramatico*.

— A REPUBLICA DOS BICHOS — peça em 2 actos, de fantasia e critica.

— DA TRIBUNA — allocuções e palestras humoriticas.

— RIMARIO — versos de hontem e de hoje.

— FÓRA DO SEMO — rimas casquilhas.

DE COLLABORAÇÃO :

— CÊU ABERTO — com Jorge Fernandes e Virgilio Trindade, revista fantastica, em 3 actos, representada no *Theatro Carlos Gomes* pelo *Gymnasio Dramatico*.

MONOLOGO DO AUTOR

do illustre amigo Sr. Amphilo.
que sempre me inspira o —

Rio de Janeiro, 3/6/1927.

MONOLOGO DO AUTOR

Toda gente sabe que eu não sou profissional das letras scenicas.

Escrevo, quando quero, ou quando posso, tanto para a imprensa provinciana, como para o theatro regional, por méro dilettantismo.

Isto, porém, depende dos meus dias de bom humor...

E' que só me apraz garabulhar tolices si, *post nubila* *Thebus*, sinto-me de espirito aberto á ephemera alegria do viver, aconselhada por mestre MARDEN num dos seus maravilhosos livros. O que resta saber é si, de facto, o emerito publicista vem-n'a applicando tambem ao seu *modus vivendi*.

Póde ser que sim... e póde ser que não...

A philosophia popular—faze o que eu digo, e não o que eu faço—por um triz não se revela como preceito dogmatico.

* * *

Pedido de amigos, insistencia de confrades, que os

tenho, felizmente, poucos e bons, levam-me a publicar, ou antes, a inaugurar—O MEU THEATRO.

E', por assim dizer, um theatro lilliputiano, mas, em todo caso, accessivel a adultos e a creanças, como certas panacéas recommendadas á ingenuidade popular...

De architectura igual não encontrára Gulliver, quando das suas interessantes viagens áquellas terras desconhecidas, de que nos fala Jonathan Swift, na sua adoravel simplicidade.

Ingressando no seu recinto, assistindo ao desenrolar das peças leves, que lhe dão repertorio, não ha como afastarem os moralistas, a praso limitado, o receio cavilloso de se escandalisarem com a exhibição, tão em foco, do nú artistico, da implicancia maior da circumspecta *Liga de Moralidade*, na terra, empório da luz e do café, do muito illustre sr. Carlos de Campos.

* * *

Ha neste modestissimo volume paginas que poderão fazer chorar, aos mais sensiveis, contrastando com algumas outras que talvez consigam fazer rir, aos menos joviaes...

Todavia, recuso-me a assignar termo de responsabilidade, por uma ou por outra coisa, a não ser que, neste particular, se tornasse absolutamente indispensavel a intervenção do Fisco.

Mas, graças a Deus, estou de bem com elle.

Si, porém, assim não acontecer, isto é, si não houver quem chore, nem quem ria, com o entrecho das peças figu-

rantes n' O MEU THEATRO, escusem-se, por obsequio, os espectadores de patear o autor e de exigirem a devolução dos nickeis com que, porventura, espontanea ou constrangidamente, se derem ao sacrificio de assistencia a esta *première*.

* * *

Não sei si, aos mais versados na technica da literatura theatral, essas futilidades chegarão a causar a molestia do soinno que, lá fóra, tanto tem dado o que fazer a scientistas, tratadistas e psychologistas renomados.

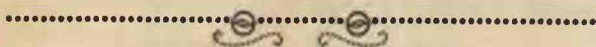
Seja, porém, como fôr, tentando resalvar as minhas debeis costellas de publicista miúdo, declaro, alto e bom som, para evitar o conflicto da chicana, que resulta, ás vezes, no hysterismo do cacete—ser menos um escriptor theatral que um simples debutante nessas coisas d' arte, de facil digestão...

* * *

Que me sejam, portanto, perdoados os senões que os belluarios da critica, com os seus olhos de lynce, quando não estrabicos, hão de encontrar n' O MEU THEATRO, tal o seu preconisado, reconhecido e admiravel faro de detectives americanos.

E. W.

A MORTALHA DE ROSAS

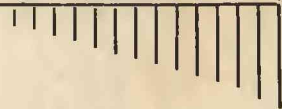


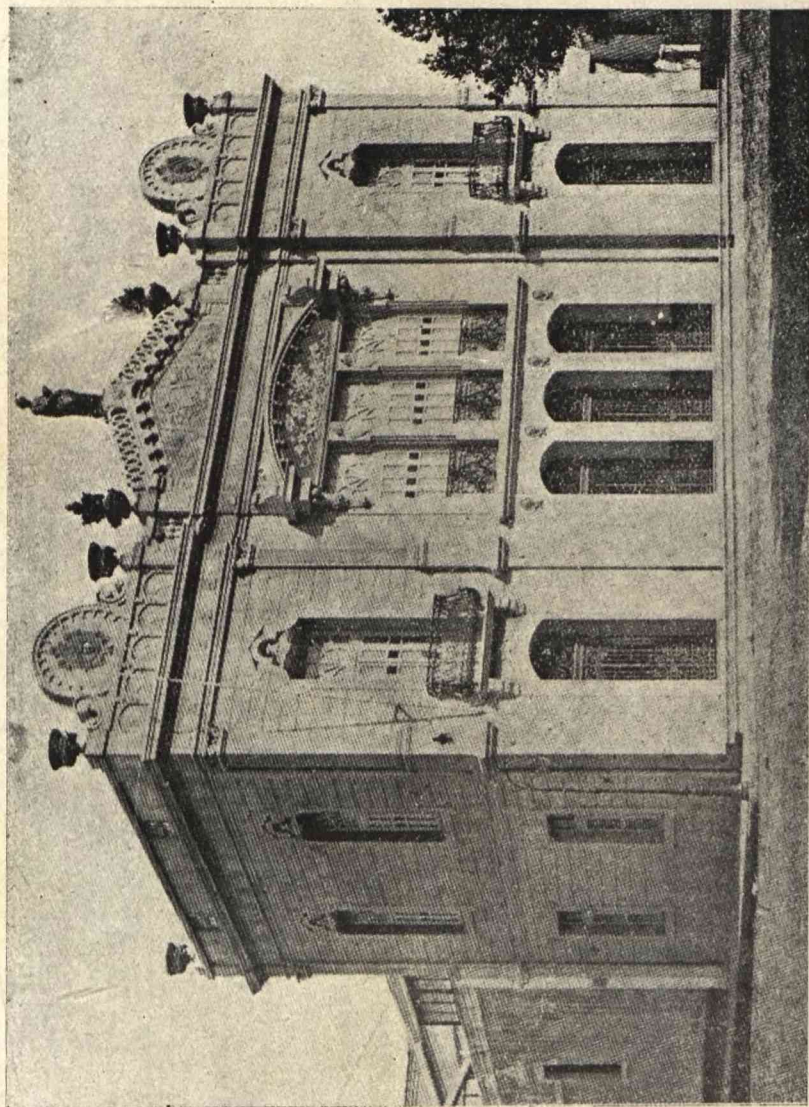
EPISODIO TRAGICO

EM 1 ACTO,

escripto e fantasiado sob a impressão de um conto
da laureada escriptora patricia

JULIA LOPES

REPRESENTADA, NO THEATRO CARLOS
 GOMES, EM A NOITE
DE 30 DE MAIO DE 1916,
PELA COMPANHIA LU-
CILIA PERES E LEO-
POLDO FRÓES. : : : : :



THEATRO CARLOS GOMES

Onde foi representada a MORTALHA DE ROSAS, pela COMPANHIA
LUCILIA PERES E LEOPOLDO FRÖES

A MORTALHA DE ROSAS

FIGURANTES

DISTRIBUIÇÃO

ROSA, rapariga infeliz, 16 annos	LUCIA PERES
CONDE DOS ROSEIRAES, 35 annos	EMYGDIO CAMPOS
CONDESSA DOS ROSEIRAES, 47 annos . .	CECILIA NEVES
COMMENDADOR VELASQUES, 50 annos . .	MANUEL MATTOS
ANDRE', jardineiro, 25 annos	ATTILA MORAES
ANTONIO, creado, 40 annos	M. M.
JM CHAUFFEUR	N. N.

AÇÃO

Ao abrir da noite, no florido jardim dos
Condes dos Roseiraes.

RIO DE JANEIRO

QUANDO ENSCENADA ESTA
PEÇA, DE ACCORDO COM O
SEU AUTOR, PARA FACILIDA-
DE DA SUA MONTAGEM, FO-
RAM SUPPRIMIDOS OS NU-
MEROS DE CANTO : : : : :

ACTO UNICO

SCENARIO

*Um bello jardim, aberto em rosas, no palacete azul do Conde dos Roseiraes. Ao F, elegante gradil, ladeando o portão, através do qual vê-se, ao longe, uma igrejinha, féericamente illuminada, para onde se dirigem, vez por outra, muitos devotos, de ambos os sexos. Toda a scena recebe a claridade de uma grande lampada electrica. Luxuosa escadaria, de marmore branco, communica com o pavimento superior do bizarro edificio, onde a Condessa, acompanhada a piano e a violino, canta, com muita emoção, os versos que se seguem. Enquanto isto, André, de regador á mão, está borrifando os can-
teiros do jardim, e Antonio parece enlevado pela doce harmonia da musica.*

Um coração amargurado,
Que o seu pesar nem sempre diz,
Amando alguém, sem ser amado,
E', toda vida, um infeliz.

Um coração, que viu nascer
O sonho bom da fantasia...
Mas que, depois, o vê morrer,
Como se fosse a luz de um dia...

Um coração desilludido
E' como a fé que foge ao crente...
Porque o amor, mesmo esquecido,
Vive a doer n'alma da gente.

SCENA I

ANTONIO E ANDRÉ

ANTONIO (*ao terminar o canto e a musica*)—
Ouviste, André?

ANDRÉ (*suspendendo o serviço de irrigação*)—
Si ouvi?

ANTONIO—Elles se divertiam.

ANDRÉ (*com tristeza*)—Porque são felizes. (*Chora*)

ANTONIO (*muito admirado*)—E tu, choras, meu
rapaz?!

ANDRÉ—Porque sou desgraçado.

ANTONIO—Dar-se-á o caso que ainda te lembres
da Rosa?

ANDRÉ—Ainda, e sempre.

ANTONIO—Pois olha, cá commigo a historia
seria outra.

ANDRÉ—Si não gostasse della, como eu della
gostava.

ANTONIO—Qual, nada! Mulheres não faltam por
ahi a fóra... A difficuldade está na gente saber
escolhel-as, para evitar complicações...

ANDRÉ—Sei disto, sei.

ANTONIO—E então?!

ANDRÉ—O amor é que é um só... E eu queria
tanto, tanto, á minha Rosa!...

ANTONIO—Rosa, porém, é que não queria ao
seu André.

ANDRÉ—Ingrata!...

ANTONIO—Ingrata, só?! Acho pouco.

ANDRÉ—Cruél, que ella foi.

ANTONIO—Desavergonhada, é o que ella é!...

ANDRÉ—Desavergonhada?!

ANTONIO—Já o disse e sustento.

ANDRÉ—Mas...

ANTONIO—Não tem mais, nem menos. Bem sabes que, para dizer o que vai cá por dentro, não tenho cataplasmas na língua.

ANDRÉ—Basta... basta!...

ANTONIO—Deixa-me falar, com todos os diabos!

ANDRÉ—Pois fale... Diga lá o que quizer.

ANTONIO—Fosse eu moço, como tu, e Rosa commigo fizesse o que contigo fez...

ANDRÉ—Que aconteceria?

ANTONIO—Sepultava aquella cachopa dentro do meu esquecimento.

ANTONIO—E, si ella, um dia, se arrependesse?

ANTONIO—Mesmo assim, que por lá ficasse... Quem lh'a tivesse comido a carne que lhe roesse os ossos...

ANDRÉ (*canta*)—

Num affecto abrasador
Tive minh'alma incendiada...
A vida do meu amor
Era o amor de minha vida...
Mas, ella, trahidora, quiz
Vêr-me, a sorrir, torturado...
Ai, como eu fui infeliz...
Ai, como eu sou desgraçado...

ANTONIO—Coragem, meu rapaz, coragem, que a vida é, sempre assim, feita de tempestades e feita de bonanças...

ANDRÉ—

Perdi-me na luz d'uns olhos
Feitos de amor e doçura,
Onde achei somente escôlhos
Para a minha desventura...

Olhos meigos e divinos,
Mais suaves que o perdão...
Que foram dois assassinos
De minha pobre illusão!...

ANTONIO—Si fizesses como eu faço, que não fio nas mulheres, não estarias agora com essas chormigas de cego, á porta das igrejas.

ANDRÉ—

Hoje, triste, abandonado,
Lembro, ás vezes, de mansinho,
O meu romance maguado,
Como um' ave, sem ter ninho...
Mas, si a crença dulcifica
As almas feitas de liz,
A dôr melhor purifica
Um grande amor infeliz.

ANTONIO (*vendo o Conde e a Condessa, no alto da escadaria*)—Silencio, André!... Ahi vem o patrão, com a patrão de um lado.

ANDRÉ—Neste caso, vou lá dentro esconder as minhas lagrimas.

ANTONIO—E eu te acompanho para enxugar-as com o meu conselho, que é bom, por me vir da experiencia destes cabellos velhos. (*Sahem.*)

SCENA II

O CONDE E A CONDESSA DESCEM, A CONVERSAR
MUITO AMISTOSAMENTE

CONDE—Acredita, Condessa, ha muito não te ouvia cantar nem com tanta expressão, nem com tanta doçura.

CONDESSA—E' que, talvez, á minha garganta se houvesse transportado a alma gemente do teu violino.

CONDE—Ou o gorgueio madrugalesco de u'a ave ferida. (*André, ainda de regador á mão, atravessa pausadamente, ao F, muito apprehensivo.*)

CONDESSA [*sorrindo*]—Lisonjeiro!... (*Deparando com André*) Dize-me, Conde, ainda continuas a implicar com elle?

CONDE (*reparando em André*)—Que queres? Não me agrada o aspecto do nosso jardineiro.

CONDESSA—Deixa-o, coitado!... E' um pobre rapaz!...

CONDE—Desconfiado como um avarento e sombrio como um tumulo.

CONDESSA—Quem sabe lá o que lhe vai pela alma.

CONDE—Posso enganar-me, Condessa, mas presumo que esse sr. André venha a ser entrave á tranquillidade do nosso lar.

CONDESSA—E que razões te assistem para falares desta maneira.

CONDE—Tenho cá os meus presentimentos...

CONDESSA—Neste caso, despeçamos André.

CONDE—Despedil-o?! Não!

CONDESSA—Oppões-te?

CONDE—Formalmente.

CONDESSA—E' singular!... Não te comprehendo! (*André torna a atravessar a scena, ao F.*)

CONDE—O que admira é não te fazerem mal aos nervos (*apontando André*) aquelles modos de animal doente.

CONDESSA—Não os tem, não os ha de ter o jardineiro, por culpa sua.

CONDE—E de quem, então?

CONDESSA—Do destino, talvez.

CONDE—O que sei é que André é um esquisitão.

CONDESSA—Mas, como trata bem das minhas flores, estou contente com elle.

CONDE—Tanto lhe basta para continuár aos teus serviços de floricultora.

CONDESSA (*Junto aos canteiros, acariciando algumas flores*)—Bêm vês que não exaggero. Olha, Conde, que profusão de flores aforinozea as minhas queridas roseiras !

CONDE (*reparando e admirando também*)—Realmente, Condessa ! A Natureza, grande operadora do milagre verde da resurreição dos campos, como sorri, vestindo de uma belleza luxuriante os canteiros deste jardim.

CONDESSA (*afagando, depois, alguns botões de rosas*)—Repara também quantos lindos botões !

CONDE—E' o rejuvenescimento da primavera.

CONDESSA—Vou ter muitas rosas frescas, enfeitando este delicioso recanto do nosso palacete azul.

CONDE—E o que pretendes fazer dessa avalanche de rosas ?

CONDESSA—Mandarei deixar uns ramalhetes á sepultura de minha mãe, reservando outros á baroneza da Esperança. E, eu mesma, pela madrugada, ao repicar dos sinos, levarei um braçado de rosas á Virgem de Maio. (*No longe sôam repiques de sino e dôces vozes, acompanhadas a órgão, cantam estes versos, de musica sagra.*)

Estrella dos céos azues,
Bem dita filha da cruz,
Redime a terra pagã ...
Virgem, mãe dos peccadores,
São tuas todas as flores
Desta noss'alma christã.

Enche de graça
A quem passa
De joelhos aos teus pés ...
Santa Maria,
Allumia
A vida dos teus fiéis.

CONDESSA—Ouviste ! ...

CONDE—Perfeitamente.

CONDESSA—São os fiéis, almas simples e boas, elevando canticos a Deus, glorificando a excelsa Rainha do Céu.

CONDE—Bemaventurados os que ainda crêem...

SCENA III

OS MESMOS E O COMMENDADOR VELASQUES, QUE,
DO PORTÃO, TEM SURPREHENDIDO AS ÚLTIMAS
PALAVRAS DO CONDE.

COMMENDADOR (*muito risonho*)—Em juramentos de mulher e promessas de frade.

CONDE (*recebendo-o e cumprimentando-o, amavelmente*)—Ah!... E' o meu caro Commendador Velasques?!

COMMENDADOR (*sorrindo, com toda familiaridade*)—Está claro!... Em carne, ôsso e carôço.

CONDESSA—Ha muito não nos apparecia, sr. Commendador!

COMMENDADOR (*ao beijar a mão da Condessa*)—Que quer V. Exca.? Falta-me o tempo, á proporção que me sobram os negocios.

CONDE (*sorrindo*)—E os negocios, ao que sei, vão facultando ao meu velho amigo excellente resultado, não é verdade?

COMMENDADOR—Não contesto. Mas, o certo é que, si poucos, muito poucos, se rejubilam com a minha actividade commercial, muitos falam de minha fortuna. (*Sahem, pouco a pouco, os devotos da igrejainha.*)

CONDESSA (*sorrindo*)—Que realmente é invejavel!

CONDE—Entretanto, sei de alguns commerciantes que trabalham como verdadeiros mouros, mas nem por isto conseguem se libertar da penuria em que vivem.

COMMENDADOR—Está claro, porque são uns idiotas.

CONDESSA—Ou, talvez, infelizes.

COMMENDADOR—Sei perfeitamente que, por ahí afóra, me chamam ranzinza, cauhira, unhas de fome, e tantas outras amabilidades.

CONDE—Mas, tudo isto, por que?

COMMENDADOR—Ora, por que? Pelo crime imperdoavel de eu trazer bem aferrolhadas as minhas patacas, sem prejuizo do meu estomago, nem do lustre da commenda que me veiu do velho, defunto e saudoso Imperador.

CONDESSA—E' realmente interessante!

CONDE—O que não poderão é classifical-o de ambicioso.

COMMENDADOR—E, ainda assim, me não incomodariam.

CONDESSA—Devéras?

COMMENDADOR—E como não, minha sra.? Os homens, invejosos e máos, são como os meus cães.

CONDE—Como os seus cães?!

COMMENDADOR—Está claro! Quando não podem roer o osso, que lhes aguça as delicias do estomago, enraivecem-se, encolerizam-se, endemoninham-se, com uma differença, apenas.

CONDESSA—Qual é, sr. Commendador?

COMMENDADOR—Aquelles, isto é, os cães, pôdem não morder, mas ladram.

CONDE—E os homens?

COMMENDADOR—Ah, esses não ladram, mas mordem cruelmente a dignidade alheia, que elles sabem, muitas vezes, crystalizada no dever e na honra.

CONDE (*levantando-se e comprimindo o botão da campanhia electrica*)—E' o predominio da impunidade.

CONDESSA—Incontestavelmente, sr. Commendador, dos seus conceitos resalta muita observação e...

COMMENDADOR—E muita verdade, minha senhora.

CONDE—Si hem que esse vocabulo, dia a

dia, vá perdendo a sua legitima accepção, neste periodo de mystificações, que vamos desgraçadamente atravessando.

SCENA IV

OS MESMOS E ANTONIO

ANTONIO (*curvando-se respeitosamente*)—A's ordens de Vossas Excas.

CONDE—Trazе-nos o que beber e o que fumar.

ANTONIO—Cerveja e cigarrilhos?

CONDESSA—Não, Antonio. Licor e charutos.

COMMENDADOR (*sorrindo*)—Voto, sem restricções, pela emenda.

CONDE—E eu a subscrevo.

ANTONIO (*curvando-se novamente*)—Serei breve. (*Sai.*)

SCENA V

OS MESMOS, MENOS ANTONIO

CONDESSA—Agora, sr. Commendador, dê-me noticias de D. Percilia. Como vai ella?

COMMENDADOR—Ora, ora, ora! Como ha de ir? Cada vez, mais amiga das modas, dos bailes e dos theatros.

CONDE—Por falar em theatro, Commendador. Sabe dizer-me si funcçiona, hoje, o *Municipal*?

COMMENDADOR (*admirado*)—Que?! Pois ainda não sabem?!

CONDE—Temos, porventura, alguma novidade pelos dominios da arte?

COMMENDADOR—Está claro!

CONDESSA—De que se trata?

CONDE—Sim, vamos a saber.

COMMENDADOR—Eu lhes digo : A *Companhia Nina*

Sanzi, cuja fama não devem desconhecer, dá-nos, hoje, em italiano, *O Escandalo*.

CONDESSA (*muito admirada*)—O escandalo?!...

COMMENDADOR—Sim, senhora.

CONDE (*para a Condessa*)—De que te admiras?

CONDESSA—E' que me surprehende a estravagancia do titulo.

COMMENDADOR—Que, realmente, é um tanto ou quanto rebarbativo...

CONDE—Por isto mesmo, deve melhor assanhar a curiosidade publica, sempre incansavel em bordar commentarios em torno de escandalos, ás vezes, fantasiados ao sabor de interesses inconfessaveis...

CONDESSA—E de quem é a autoria dessa nova peça?

COMMENDADOR—Dizem os jornaes ser uma bellissima creação de Medeiros e Albuquerque.

CONDE—E a versão?

COMMENDADOR (*como forçando a memoria*)—De... de... de... Emilio Giunti.

CONDESSA—Anh!...

CONDE—Deve ser magnifica!

SCENA VI

OS MESMOS E ANTONIO

ANTONIO—Licôr e charutos.

COMMENDADOR—Tardaram, mas, não faltaram.

CONDESSA (*num sorriso de gracejo*)—Tal qual as visitas do Commendador...

COMMENDADOR—Que teem ellas?

CONDESSA—Tardam, mas, não faltam.

CONDE—Antes assim, meu velho.

CONDESSA (*offerecendo um calix de licor ao Commendador*)—Um «Chartreuse», sr. Commendador.

COMMENDADOR (*acceitando e sorrindo*)—Treze, não, minha sra.! (*Depois de beber*)—Com este,



LEOPOLDO FRÓES

Renomado Artista Brasileiro.

muito bem sommados, quatorze calices, ingeridos, hoje.

CONDE (*depois de servir-se tambem com a Condesa*)—Agora, um charuto, não ?

COMMENDADOR—Está claro.

CONDE (*offerecendo-lhe a caixa de charutos*)—A' vontade.

COMMENDADOR (*sorrindo*)—Não é preciso recomendar. (*Servindo-se de um charuto, que, de logo, accende*) De ha muito que o sei possuidor da franqueza de um nababo americano...

CONDESSA—O sr. Commendador lisonjeia !...

COMMENDADOR—Não, minha sra. Incenso, apenas, o Conde com as espiraes deste delicioso charuto. (*Risos*) Ah !... bem fazem os epicuristas, inimigos dos abstemios, que não sabem desprezar o bom vinho, as mulheres bonitas e o tabaco aromatico.

ANTONIO (*subindo pela escadaria, com um sorriso de desdém, enquanto o Conde accende um charuto e a Condesa revê as suas roseiras*)—Quando são moços e fortes...

SCENA VII

OS MESMOS MENOS ANTONIO

COMMENDADOR—Voltemos, porém, ao assumpto —theatro.

CONDE—Si lhe apraz...

COMMENDADOR—Querem os meus bons amigos assistir, do nosso camarote, o espectaculo desta noite ?

CONDE—Que dizes a isto, Condesa ?

CONDESSA (*approximando-se, e depois de ligeira indecisão*)—Sinto não poder satisfazel-o, sr. Commendador.

CONDE (*admirado*)—Que ? ! Tu, que gostas tanto do theatro !

CONDE—Que queres? Sinto-me indisposta...

COMMENDADOR—E' realmente estranhavel, sra. Condessa! Tanto mais quando V. Exca. deixa-se privar, desse modo, de um grande prazer intellectual!

CONDESSA—Pouco importa, desde que o Rio, a Cidade Maravilhosa, está sempre a nos offerecer delectuosos momentos d'arte. (*Vae ter ao F, ameigando, outra vez, os roseiraes.*)

COMMENDADOR—E você, você, meu caro Conde?

CONDE (*na persuasão de que a Condessa se tivesse retirado*)—Eu é que me não deixarei ficar em casa, se não pela peça, (*sorrindo maliciosamente*) ao menos por uma certa *estrella*, que dizem ter uma plastica admiravel, (*gesto de attenção e constrangimento, por parte da Condessa*) uma garridice petulante, e uns olhos perturbadores, feitos para o prazer e para a volupia.

COMMENDADOR—Bem se vê, seu maganão, que o sangue ardente da mocidade ainda lhe palpita nas veias. (*Gargalham os dois.*)

CONDESSA (*deixando de acariciar as flores, irascivel e ironica, volta a collocar-se entre os dois*)—E eu, sr. Commendador, deixo de ir ao theatro receiosa de que a representação desse *Escandalo* possa me recordar um outro escandalo de qae foi, ha annos, protagonista (*com intensões reservadas*) um certo fidalgo do meu, do seu, do nosso conhecimento...

COMMENDADOR (*um tanto inquieto, para o Conde*)—Está claro, ouviu tudo!

CONDE (*afflicto e perturbado*)—Condessa, que queres dizer?

CONDESSA (*com toda vehemencia*)—Que esse fidalgo, quando abatido e arruinado, desposou a filha unica de um millionario, abandonando, assim, u'a pobre operaria, que requestára e seduzira, para deixal-a, depois, entregue ás lagrimas santissimas da maternidade...

COMMENDADOR (*de si, para si*)—Complicou-se a situação!...

CONDE (*agitadissimo*)—Condessa, como explicar tão insolito procedimento?

CONDESSA (*maguada, mas, com altivez*)—E' que nós, as que amortalhamos a existencia, gasta e cansada, com um pedaço de amor infeliz, não temos direito a liberdade de querer, não temos direito a liberdade de sentir, se não as garras de estultos preconceitos sociaes, que nos fazem soffrer e que nos mandam calar.

CONDE (*altivo*)—Condessa!...

CONDESSA (*continúando*)—Nem por isto, sr. Conde, as mulheres frageis como as flores, e nervosas como as creanças, uma vez feridas nos melindres dos seus melhores sentimentos, deixam de maguar tambem a chaga, porventura, aberta á consciencia dos homens.

CONDE (*muito agitado*)—Compreende-se o teu resentimento, mas não se justifica a tua represalia!

COMMENDADOR (*de si para si*)—Está claro!

CONDESSA—Mas, a minha represalia é a consequencia dos desvairamentos de quem, desgraçadamente, não saciou ainda a sêde de volupia nas noites do peccado.

CONDE (*indignado*)—Nem mais uma palavra!

CONDESSA—Ameaças-me?!

CONDE—Prohibo-te que continúes.

COMMENDADOR (*muito maneiramente, intercedendo entre os dois*)—Mas, por Deus, acalmem-se... acalmem-se!... Isto não é bonito!...

CONDE—Desculpe-me, Commendador, é que a Condessa...

CONDESSA—Que tem a Condessa?!

COMMENDADOR (*á parte*)—Lá se vai o caldo entornado, outra vez!

CONDESSA — Falaste, ainda ha pouco, de uma *chanteuse*, tentadora e provocante. E eu falo,

agora, de uma pobre operaria, seduzida por ti e por ti abandonada.

CONDE—Mas, lembra-te que o passado é um cadaver.

COMMENDADOR—Está claro!

CONDE—E, sendo assim, Condessa, respeitmol-o...

CONDESSA—Sim, mas, respeitmol-o quando não formos desrespeitadas por essas manifestações esdruxulas, que traduzem a insolencia irrepresível do instinto e a libação irrefreável do goso.

CONDE—Cuspir sobre o seio das lousas é profanar a algeidez dos tumulos.

CONDESSA—Mas, tu assim o quizeste, sacrificando a tranquillidade do meu espirito.

COMMENDADOR—Está claro.

CONDESSA (*canta com muita expressão e muito sentimento*)

Dos mysterios profundos do amor
Nasce, ás vezes, um poema de dôr,
Quando a alma sombria, fremente,
A' caminho de um sonho irreal,
No aguilhão do silencio, mais sente
O travor de um desgosto mortal.

TODOS (*cantam*)

Ai, amor...

Como tû és enganador!...

CONDE (*canta com o mesmo sentimento e a mesma expressão*)

E' preciso dizer, já que o queres,
Que não creio no amor das mulheres,
Que em mulheres jámais posso crêr...
Para as ruínas lembrar do passado

Sinto o mal que me faz desgraçado,
Meu romance de amor reviver.

TODOS (*cantam*)

Ai, amor...
Como tu és enganador!...

COMMENDADOR (*com toda amabilidade*) — Sra. Condessa, permitta metter o bedelho onde não sou chamado... Mas, ainda mesmo que o Conde tivesse, lá fóra, nos esconderijos estreitos das viellas escuras, a existencia cheia das leviandades de um rapaz, voltando á casa, está claro, deixaria, certamente, rolar na poeira das ruas o cortejo anonymo dos seus pensamentos, mais ou menos peccaminosos...

CONDESSA (*meia chorosa*)—Ah, os homens, os homens!... Como elles são levianos e ingratos!... Como elles são perfidos e cruéis!...

CONDE (*depois de relutar consigo mesmo, muito sensibilizado*)—Condessa, perdôa-me o ter sido indiscreto. Perdoemo-nos e volvamos a ser os bons amigos de sempre, sim?

COMMENDADOR (*alegremente*)—Isto, isto! Façam as pazes, voltem á concordia e vamos todos ao theatro.

CONDESSA (*depois de ligeira indecisão*)—Pois bem, Conde. Já que assim o queres, assim seja.

CONDE (*beijando a mão da Condessa*)—Obrigado, muito obrigado!

COMMENDADOR (*sorrindo e batendo, amavelmente, sobre o hombro do Conde*)—Quando as mulheres são condescendentes, os homens precisam ser affectivos...

CONDE (*sorrindo*)—Isto impórta dizer que, quando a Condessa se curva...

CONDESSA—O Conde deve estar de joelhos.

COMMENDADOR—Está claro!

CONDESSA (*sorrindo com meiguice*)—Agora, já não irás só ao *Municipal*.

CONDE (*alegremente*)—Ah, neste caso, felicito-me pela tua nova resolução.

COMMENDADOR—Adhiro ao movimento!

CONDESSA—Prefiro acompanhar-te a concluir a leitura da *Femme de Fronte Ans*, de Balzac.

COMMENDADOR (*rindo-se*)—Ora, Balzac!... Balzac!... Um idiota, como outro qualquer.

CONDE—Sempre a preocupação com os romances!... Quando são romances...

COMMENDADOR—Futilidades!... Lá, a minha Percília é a mesmíssima coisa com os figurinos.

CONDE—Que são o idolo de trapos das mulheres vaidosas.

CONDESSA (*rindo-se*)—Tem graça, tem!...

COMMENDADOR (*canta*)

A minha Percília,
Prenda de família,
Por ser d'alta rôda,
Cá no meu conceito,
Só tem o defeito
De gostar da moda!...

Grossa economia,
Certo, eu bem faria
Para os meus meninos,
Sem su'exigencia,
Toda impaciencia,
Dos taes figurinos.

Meu rico thesouro
Vai no sorvedouro
Da moda infeliz...
Que o diabo ajuda,
Quando a traz desnuda
Da bella Paris!...

CONDESSA (*sorrindo*)—A moda, sr. Commendador, é tentadora como a belleza.

CONDE—E voluvel como as borboletas...

COMMENDADOR—Ou como os politicos...

CONDE—Mas, os politicos sem idéal definido, sem finalidade.

COMMENDADOR—Está claro!..., (*Ligeira pausa*)—Mas, então, como é lá isto? Vamos, ou não vamos, ao theatro?

CONDESSA—O Conde resolverá.

CONDE (*consultando o relógio*)—E' verdade!... Quase oito horas!

COMMENDADOR (*desfarçando*) — E você, amigo Conde, deve estar impaciente por conhecer esse novo genero de litteratura em que se vai revelar o brilhante espirito de Medeiros e Albuquerque.

CONDESSA (*forçando um meigo sorriso*)—Qual, sr. Commendador! Elle está ancioso, mas é por ver os olhos travessos e diabolicos dessa...

CONDE—(*interrompendo-a, com ternura*)—Condeessa, não falemos mais nisto...

COMMENDADOR—Está claro!...

CONDESSA—Pois bem... Vou preparar-me para assistir a *première d'O Escandalo*... Com licença.

COMMENDADOR—V. Exca. a tem, sem precisar requerel-a.

CONDESSA—Obrigado. (*Sai.*)

SCENA VIII

OS MESMOS MENOS A CONDESSA

CONDE (*ao certificar-se da ausencia da Condeessa*)—Ouviu bem, Commendador?

COMMENDADOR—Perfeitamente.

CONDE (*desalentado*)—A Condeessa conhece toda a historia do meu passado!...

COMMENDADOR—Está claro!... Apesar mesmo de ser historia antiga. (*Rindo-se.*)

CONDE (*canta*)

Quem ama soffre... E, só então, soffrendo,
Vê su'alma carpir, no isolamento...
Mesmo assim, vai o amor mais florescendo
Na amargura do proprio soffrimento.

COMMENDADOR—Não serei eu que diga o contrario.

CONDE

O amor, que é feito de visões piedosas,
Quando aquecido á febre dos desejos,
—Tem o perfume das primeiras rosas,
—Tem a volupia dos primeiros beijos.

COMMENDADOR (*sorrindo*)—Os primeiros beijos
são sempre apetecidos como os primeiros fructos...

CONDE

Mas, tudo passa... até a flor da idade,
Que da velhice aos torreões se enlaça...
E, assim, rosea mentira, a mocidade,
Rindo, ou chorando, ás vezes, tambem passa.

COMMENDADOR—*Passar*, é o que sempre me
acontece, quando jogo o *pocker*, no *Club dos Diarios*.

CONDE

E vamos cegos, tacteando ao léo,
Sem realmente saber para onde vamos,
—Si para o azul deste formoso céu,
—Ou para o céu azul, com que sonhamos!...

COMMENDADOR—Quanto a mim, abro parenthese, na persuasão de que irei dar com o costado no
céo das formigas...

CONDE (*desalentado*)—Pobre Lucinète!... Como tu foste boa e como eu fui cruel para contigo!...

COMMENDADOR (*muito admirado*) — Que?!... Pois ainda a não esqueceste?!

CONDE—Não, porque, no isolamento do seu infortunio, nem um gesto de revolta, nem uma queixa de amargura, nem uma phrase de espinhos contra aquelle que a abandonára, depois de fazel-a conhecer os doces enlevos da maternidade.

COMMENDADOR—Ahi vem você, Conde, com as lamentações de Jeremias!... Ora, o que passou, passou!...

CONDE—E minha filha? Meu doce amor? Minha pobre filha?

COMMENDADOR—Essa, talvez nem saiba si seu pae existe.

CONDE (*triste*)— Talvez!... Talvez!... (*Tocando o botão electrico*).

COMMENDADOR—Em todo caso, é melhor assim. O que olhos não vêem coração não sente...

CONDE—Nem sempre...

ANDRÊ (*cabisbaixo, ao F.*)—A's ordens de V. Exca.

CONDE—Previne ao *chauffeur* para approximar o carro.

ANDRÊ (*submisso e reservado*)—Sim, sr. (*Vai sahindo taciturnamente, enquanto o Conde o observa com um olhar de desconfiança*).

CONDE—Sempre o mesmo concentrado!... Sempre o mesmo mysterioso!...

COMMENDADOR—Realmente! E' uma mocidade triste a desse rapaz!

CONDE—Ha muito que lhe noto a parcimonia das palavras e o retrahimento dos gestos.

ANTONIO (*trazendo o clack, as luvas e o par-dessus do Conde*)—Para o sr. Conde, que manda a sra. Condessa.

COMMENDADOR—Isto é que é bem saber adeantar o expediente!

CONDE (*vestindo o par-dessus, auxiliado por Antonio*)—E' que a Condessa se habituou a adinhar-me os pensamentos.

COMMENDADOR (*maliciosamente*)—E, ás vezes, até a surprehender-lhe as equivocas intensões theatraes... (*Risos*).

CONDE (*para o creado*)—Podes retirar-te. (*Antonio faz uma respeitosa venia e sai. Ao mesmo tempo, um automovel estaciona, buzinando, à frente do portão*).

COMMENDADOR—Eu sempre quizera que a minha Percilia fosse intelligente e docil como a tua mulher.

CONDE—Sim... mas, a Condessa...

COMMENDADOR—E', ás vezes, um tantinho ciumenta, lá isto é... Mas o certo é que ella não deixa de ter as suas razões...

CONDE—Como assim?!

COMMENDADOR (*sorrindo*)—Olha que, entre os teus trinta e cinco dezembros e os quarenta e sete janeiros da Condessa, ha um *deficit* orçamentario de 144 mezes! (*Risos*)

CONDE (*deparando com a Condessa, que vem descendo pela escadaria, luxuosamente vestida*)—Caluda!... Eil-a que chega...

SCENA IX

OS MESMOS E A CONDESSA

CONDESSA (*acolchetando ás luvas*)—Sr. Commendador, Conde, o *auto* já nos espera.

COMMENDADOR—E nós esperavamos V. Exca. para, então, occuparmos o *auto*.

CONDE—Muito bem. (*tocando no interruptor electrico*).

COMMENDADOR—E, desde que o guardião tambem se ausenta, os frades devem estar no olho da rua. (*Risadas entre os trez, ao mesmo tempo em que o Commendador e a Condessa tomam o automovel*).

ANDRÉ (*apparecendo, dirige-se ao Conde*)—A's ordens de V. Exca.

CONDE (*meio rispido*)—Vê que sahimos esta noite. Aos teus cuidados a nossa casa.

CONDESSA (*do auto*)—E especialmente as minhas roseiras.

ANDRÉ—Estou sciente, sr. Conde.

CONDE (*depois de occupar o automovel, para o chauffeur*)—Theatro Municipal!

COMMENDADOR—Está claro! Mas antes disso, teremos que buscar a minha Percilia. (*O auto parte fonfonando.*)

SCENA X

ANTONIO E ANDRÉ

ANTONIO (*do alto da escada*)—André, os patrões?

ANDRÉ (*sempre triste*)—Já lá se foram.

ANTONIO (*descendo*)—Leve-os Deus, com tanto que os não traga o diabo.

ANDRÉ (*pesaroso*)—A vida é para elles, que não soffrem.

ANTONIO—E para mim. que estou conformado com a minha sorte.

ANDRÉ—E' feliz... é...

ANTONIO—Lá isto sou... Trago a barriga sempre cheia, ganho boas patacas, não devo a ninguém, acerto sempre no *bicho*, e nunca me deixei engazopar pelas saias...

ANDRÉ—Quer com isto dizer...

ANTONIO—Que a Rosa, apesar do mal que te fez e do bem que te não poderá fazer, ainda é capaz de espinhar-te, pela segunda vez.

ANDRÉ (*revoltado*)—A mim?!

ANTONIO—A ti mesmo, que, dês que ella já noiva, te despresou pelo *farrista* do Ambrosio,

andas-me aqui com uma cara de enterro de quarta classe.

ANDRÉ—Eu ? !

ANNONIO—Tu, sim, meu rapaz ! Chega a parecer até que já te despediste do mundo e dêste adeus a alegria, que é o bem melhor da vida.

ANDRÉ (*commovido*)—Ah Rosa, Rosa ! Por tua causa, abandonei a familia, fugi dos amigos, despresei os livros, e, de desastre em desastre, de queda em queda, de baixaza em baixaza, cheguei, desgraçadamente, até ao salario dos humildes.

ANTONIO—Bravos ! Falas que só pareces um doutor !

ANORÉ—Pobre de mim ! . . .

ANTONIO—Tem paciencia, meu rapaz. A tia Rufina vivia sempre a dizer-me :—Antonio, mal de muitos, consolo de todos.

ANDRÉ—Ou desespero de cada um.

ANTONIO—Eu tambem, como vês, não sou qual-quer peixe podre. Entretanto . . .

ANDRÉ—Entretanto . . .

ANTONIO—Aqui estou, mettido nesta librè, que se denuncia o que por aqui faço, não sabe o que agora mesmo vou fazer. (*Vai subindo a escadaria*).

ANDRÉ—Que vai fazer ? (*senta-se muito pensativo*).

ANTONIO—Ora esta ! Descançar os ossos e tomar uma soneca, enquanto não chegam os patrões. (*Desapparece, no momento em que Rosa, muito pallida e mal vestida, mas, disfarçada numa capa, entra precipitadamente e, revelando muita inquietação, estaca, ao ver André.*)

SCENA XI

ANDRÉ E ROSA

ROSA (*muito afflicta*)—André ! Salva-me ! Salva-me !



LUCILIA PERES

Um dos grandes valores artísticos do
theatro nacional.

ANDRÉ—Quem ousa perturbar a minha magua ?
Quem se atreve a profanar a minha dôr ?

ROSA (*muito sentimental*)—A mais infeliz de
todas as mulheres !...

ANDRÉ (*sobresaltado*)—Esta voz !... De quem é
esta voz ? !...

ROSA (*com profundo pesar*)—Do desespero !...

ANDRÉ (*agitado, levantando-se*)—Dize... dize,
quem és tu ? !

ROSA (*libertando-se da grande capa, com que
se disfarçara, a deixa cahir*)—Eu sou o espectro
do remorso.

ANDRÉ (*reconhecendo Rosa, recua, como alluci-
nado, dando um grito lacerante de surpresa*)—Rosa,
Rosa !...

ROSA (*por entre lagrimas*)—Sim... A tua Rosa,
desfolhada e murcha...

ANDRÉ (*commovido*)—Ai de mim, que já te
não posso colher...

ROSA (*canta com amargurada expressão de sen-
timento e de ternura*)

Pobre flor que, desfolhada,
Deslisa ao léo da corrente...
Sem os beijos da alvorada,
Sem aroma, sem mais nada,
Do que tive antigamente.

Dentro da noite da vida
Que fazes tu, que faço eu ? !

ANDRÉ (*canta, por sua vez, com igual emoção*)

—A minha alma—está ferida...
—A minha illusão—perdida...
—E o nosso amor—já morreu !.. !

Como eu quizera ser forte
Para dar-te a punição...

ROSA

Já lancei a minha sorte :
—André, eu prefiro a morte
Se me não dás teu perdão.

ANDRÉ (*num impulso de revolta*)—Desgraçada, que vieste aqui fazer ? !

ROSA (*muito emocionada*)—Trazer-te em palavras de agonia o meu arrependimento.

ANDRÉ—Ah, é tarde !... E' muito tarde !...

ROSA (*supplicante e chorosa*)—André, ouve-me, ampara-me, protege-me.

ANDRÉ (*inflexivel*)—Não ! Nunca !...

ROSA (*commovida e queixosa*)—Elle me martyriza ... elle me calunhia ... elle me maltrata ... elle me bate ...

ANDRÉ—E que tenho eu com isto ?

ROSA (*implorando*)—André !...

ANDRÉ (*com aspereza*)—Que me importa a mim que as garras de um tigre forcem as lagrimas de uma mulher perdida ?

ROSA (*cada vez mais afflicta*)—Oh, não, André ! Não consintas macerar-me o corpo quem já poluiu-me a alma.

ANDRÉ—Mas, lembra-te, Rosa, que esfarrapaste o coração do teu André.

ROSA—Não sejas mau.

ANDRÉ—E tú, não foste cruel. (*Volta-lhe as castas*)

ROSA (*chorosa*)—Por Deus, tem piedade da tua Rosa.

ANDRÉ—Tiveste tu compaixão do teu André ? !

ROSA—Não peço o teu amor.

ANDRÉ—Que !

ROSA—Supplico a tua misericordia.

ANDRÉ (*commovendo-se*)—Rosa, Rosa, que é feito de tua innocencia ?

ROSA (*chorosa*)—Roubaram-n'a ! (*Ajoelhando-se*) Aqui tens, a teus pés, a queda de minh'alma.

ANDRÉ (*depois de um momento de vacillação, levantando Rosa*)—Pois bem. E' preciso que um juramento solenne tranque a tua vergonha.

ROSA (*numa effusão de alegria*)—Oh, fala, fala, André ! Sou eu quem t'o pede.

ANDRÉ (*afflicto*)—Voltarás, não ao meu amor, mas, á piedade deste coração, que te pertenceu e que tu despedaçaste, Rosa, si juras esquecer, para todo sempre, o carrasco de minha felicidade e o vampiro de tua honra. Juras ? (*Movimento de Indecisão em Rosa, enquanto André, muito inquieto insiste*). Fala, Rosa. Juras ?

ROSA (*em lagrimas, deixa-se cahir, lentamente, ajoelhada aos pés do jardineiro*)—André, perdôa !... Perdôa, meu bom André : Despresal-o, sim ! Mas esquecel-o, nunca !...

ANDRÉ' (*n'um movimento aggressivo, investe desesperado contra Rosa e, deitando-lhe mãos ao percoço vai-n'a estrangulando, horriavelmente, desfigurado*)—Ah, miseravel, mas, has de agora esquecel-o, has de esquecel-o, ouviste ?... Assim o quer a minha colera !... Assim o exige o meu ciúme !... Assim... Assim... (*Rosa estorcendo-se, entre angustias, cae morta á sombra espessa dos roseiraes. André, levantando-lhe, depois, a cabeça, como tornando á razão*) Rosa !... Rosa !... (*Soltando-a, depois, em desespero*). Morta !... Morta, quem nunca devera ter vivido ! (*Como espavorido, corre a fechar o portão voltando, todo sentimento, a colher flores, enquanto ouve-se uma gemente surdina de violinos*). Flores, abri-vos todas para chorar a morte da mais desgraçada de vossas irmãs... Ide ter com ella, que, um dia, foi bella como vós, foi pura como vós, mas, como vós, não soube guardar a candura do perfume com que embriagára os olhos de minh'alma. (*Continuando a colher flores*) Todas vós, para ella, sim, para ella só, para minha pobre Rosa !... Como

vai ficar bonita a peccadora, velada pelas flores da innocencia!... (*Volteando de flores o cadaver de Rosa*) Flores... mais flores... muitas flores... ahi tens, Rosa, a perfumar-te o derradeiro somno... (*Cessa a surdina*).

CONDE (*fóra, tocando a campainha electrica*)—André!... André!...

ANDRE' (*surpreso, de si para si*)—O sr. Conde?!

CONDE (*impaciente*)—Abre, que se partiu o magneto do automovel!

ANDRE' (*irresoluto*)—Meu Deus!...

CONDESSA (*tendo fóra o mesmo movimento do Conde*)—André!... André!... Abre, André!...

ANDRE' (*revelando grande inquietação*)—Que fazer d'ella?... (*Tomado por uma idèa*)—Ah!... Occultemos o seu cadaver. (*Lança mão da capa em que se envolvera Rosa*)—Ella deve ter frio... A noite está tão fria... (*Vai deixando cahir lentamente a capa sobre o corpo de Rosa*).

CONDE (*revoltado*)—Abres ou não abres, mariola?

ANDRE' (*depois de torturante indecisão*)—Por tudo e para tudo, por amor de Rosa. (*Apaga a lampada electrica que illumina o jardim, agora beijado por uma restea de luar. e abre placidamente o portão*). Entre, sr. Conde.

SCENA XII

OS MESMOS, O CONDE E A CONDESSA

CONDE (*dirigindo-se ao jardineiro, de modo rispido*)—Querias, então, que levassemos a noite expostos ao relento?!

CONDESSA—Estavas a dormir, André?

ANDRE' (*muito triste*)—Não, sra. Condesa; estava a chorar.

OS DOIS (*surpresos*)—A chorar?!

ANDRÉ (*após reluctar consigo mesmo*)—Perdoem-me a confissão.

CONDE—Fala.

CONDESSA—Explica-te.

ANDRÉ (*muito commovido*)—Eu era noivo.

Os CONDES (*admirados*)—Noivo ? !

ANDRÉ—E' verdade... Mas, um dia, a mulher que eu amava, miseravelmente seduzida, esqueceu que ia ser minha e se jogou ao mundo.

CONDE—E depois ?

CONDESSA—Sim, depois ?

ANDRÉ—Esta noite, veio ter commigo.

CONDE—E que veio fazer ?

ANDRÉ—Queixar-se, sr. Conde.

CONDESSA—De ti, André ?

ANDRÉ—Não, sra. Condessa, do outro, do amante... E a desgraçada soffria e chorava.

CONDESSA—E' sempre assim !...

CONDE—E tu, que lhe disseste ?

ANDRÉ—A principio, revoltei-me contra as suas lagrimas.

CONDESSA—E depois ?

ANDRÉ—Exigi-lhe esquecer, desprezar, para sempre, esse que a roubára a todo o meu affecto.

CONDE (*de si para si*)—Pobre rapaz !...

ANDRÉ—Busquei, assim, de alma estalando de dor, vel-a voltada para o meu perdão.

CONDESSA—E ella ?

CONDE—Que te respondeu ?

ANDRÉ (*visivelmente desalentado*)—Que ainda amava o outro !...

CONDESSA—Fraquezas de mulher.

CONDE—E tu, André ?

ANDRÉ (*num gesto violento, de indignação*)—Ah, cego de ciúme, louco de cólera, (*com voz muito abafada*) matei-a.

Os CONDES (*recuando aterrorisados*)—Oh !...

ANDRÉ—Sim, matei-a ! (*Apertando o interlocutor e fazendo voltar a luz*) Venha vêr commigo, sr.

Conde. Venha vêr com elle, sra. Condessa. *(Os dois, sobresaltados, seguem o jardineiro, que lentamente descobre, transido de dor e de remorso, o corpo de Rosa.)*

CONDE *(reconhecendo a morta e exclamando convulsivamente)*—Céos! Que vejo? Ella?!...

ANDRÉ *(agitadissimo)*—Conhece-a, sr. Conde?

CONDESSA *(muito afflicta)*—Meu Deus, quem será?

CONDE *(ajoelhando-se aos pés da Condessa, sem dominar a sua emoção)*—Perdôa-me, Condessa. Esta infeliz, é minha filha.

ANDRÉ *(pasmado, de si para si)*—Sua filha?!...

CONDESSA *(como que estupefacta)*—Será possível?!... *(Após rapido silencio)*—Ah!... Compreendendo agora tudo... *(Erguendo o Conde e, com toda amargura, apontando-lhe Rosa)* Ah! tens o epilogo do teu romance de amor.

CONDE *(reparando a morta)*—Coitadinha! Como andava pobremente vestida.

ANDRÉ *(pesaroso)*—Foi por isto que, para tornal-a bonita aos olhos mansos de Nossa Senhora, fiz para Rosa esta mortalha de rosas. *(Mostra as flores que espargira sobre o corpo da desditosa rapariga.)*

CONDE *(no auge da indignação)*—Mas tu, vaes ter, miseravel, o premio da tua infamia, por seres um baixo, um vil, um revoltante criminoso.

ANDRÉ *(com altivez e serenidade)*—Somos dois, sr. Conde. Eu, o noivo infeliz, porque estrangulei a noiva cruel... E V. Excia., o pai deshumano, porque abandonou a filha honesta. *(Os Condes, concentrados no absoluto silencio de sua magua, sentem-se ainda mais abatidos e humilhados, vendo o gesto de repulsa immediata do jardineiro revoltado. Emquanto isto, lentamente, desce o —*

PANNO.

TIA QUITERIA



COMEDIA EM VERSOS

FIGURANTES

QUITERIA, velha interesseira .	SENHORITA MARIA ELISA
ARMINDA, sua sobrinha	SENHORITA SUSANA DOS SANTOS
OLGA » » 	SENHORITA LUIZINHA FRANÇA
SOPHIA » » 	SENHORITA MARIA GALHARDO
THOMÉ, velho abobalhado . .	SR. JOÃO ESTEVAM

Representada, pela primeira vez, em Natal, a 23 de dezembro de 1910 pela sociedade familiar "Diversões no Lar", na residência do saudoso bohemio Antonio, Elias e, depois, encenada, por outros elementos, em theatrinhos particulares, nas cidades de Sant'Anna do Mattos e Macau.

ACTO UNICO

SCENARIO

Sala de feitio modesto, mobiliada com simplicidade. Ao F. porta, entre janellas abertas para a rua vestida de luar. Ao subir o panno, Quiteria, á frente de uma almofada, està trocando bilros, de olhos por traz das vidraças claras de seus oculos de myope.

SCENA I

QUITERIA (*reflectindo*)

Menina, quem espera sempre alcança...
Isto sempre disseram-me as visinhas...
E a verdade é que tenho, hoje, esperança
De *amarrar* uma das gentis sobrinhas!

(*Tirando uma carta do seio*)

Este, que me escreveu, ultimamente,
E não tarda a chegar, todo pimpolho,
Tem um defeito apenas... um somente:
—Em vez de ter os dois, só tem um olho!

O candidato a noivo é o senhor Thomé,
Possuidor de uns luzidos capitaes...
Mas, quanto á noiva inda não sei qual é,
Porque depende, a escolha, do rapaz.

(Sorrindo)

Rapaz !... Modo agradável de falar,
Que a sua idade aqui não se commenta...
Mas, sei que elle já anda a debulhar
O roزاری de neve dos sessenta !...

O que eu quero é que fique decidido,
Como um tratado de diplomacia,
Dentre as trez, qual terá para marido
O droguista da nossa freguezia.

Tratemos logo de encenar a peça...
E si o Thomé compromettido fica,
Irei cumprir a dulcída promessa
Que, ha mezes, fiz á *Santa Cruz, da Bicca*.

(Ouve-se bater oito horas)

Ficou de vir aqui as sete horinhas,
Mas oito, agora mesmo, lá se vão...

(Levantando-se)

Vou, depressa, chamar as trez sobrinhas
E lhes dizer minha resolução.

(Falando para o interior)

Arminda, Olga, Sophia,
Façam favor, venham cá.

ARMINDA (*do interior*)

A's suas ordens, minha Tia,
E' n'um pulo !... Vamos já !...

QUITERIA

Quero-as de roupa mudada,
Cinturinha bem delgada
E um porte todo elegante...

SOPHIA (*do interior*)

Em casa temos visita ?

QUITERIA (*alegremente*)

Coisa melhor, acredita,
Daqui a mais um instante !

(*Mudando de inflexão*)

Desconfio que o velho, coitadinho !
Ao despir-se de todas as maldades,
Ha de preso ficar pelo beicinho
Vendo o frescor das minhas trez deidades.

SCENA II

A mezma, Arminda, Olga e Sophia

ARMINDA

Eis-nos, promptas !

QUITERIA (*reparaudo-as*)

Que feitiço !

TIA QUITERIA

OLGA

Tia, que ha ? Vamos sahir ?

QUITERIA

E' bem o contrario disso...
—Esperar quem tem de vir !...

ARMINDA

Tem-nos, pois, ao seu dispôr...

SOPHIA

Para que nos quer a Tia ?

QUITERIA

Queiram sentar-se, é favor,
Que a Quiteria principia.

(Sentam-se todas)

OLGA

Já está feito o seu pedido...

ARMINDA

De que é que vamos tratar ?

QUITERIA

De um pretendente a marido,
Que aqui não tarda a chegar

SOPHIA

Que é que nos diz vossemecê ?

ARMINDA

De que é que vamos tratar ?

QUITERIA

De um pretendente a marido,
Que aqui não tarda chegar.

SOPHIA

Que è que me diz vossemecê ?

OLGA

Deve explicar-se a senhora !

QUITERIA

Eu me explico, já se vê :
—Quero casar-as !... E agora ?

ARMINDA

Casar-nos ? !

SOPHIA

Com que direito ?

QUITERIA

Das senhoras não sou Tia ?

OLGA

Ora, esta !....

ARMINDA

Com effeito !...
Casar-nos, á revelia !....

TIA QUITERIA

SOPHIA

E o nosso noivo, qual é ?

OLGA

Quem pretende a nossa mão ?

QUITERIA

Eu tenho a satisfação
De indicar—o senhor Thomé.

ARMINDA

Um velho ?!

SOPHIA

Um sarrafaçal ?!

OLGA

Velho ?! 'Tibis !...

QUITERIA

Que tem isto ?

ARMINDA

Vou rogar aos pés de Christo
P'ra não succeder-nos tal.

(Vae sahindo)

QUITERIA *(detendo-a)*

Senta-te aqui, atrevida !...
Mais calma... mais reflexão...

ARMINDA

Não me deixo ser trahida
Na escolha do coração !...

SOPHIA

Tinha graça, realmente,
Era realmente, engraçado
Do Collegio vir a gente
E casar, forçadamente,
Com o velho do olho furado !

OLGA (*muito ironica*)

E', de facto, uma tetéa
O noivo que se annuncia !...

ARMINDA (*sorrindo*)

Bem merece a sua idéa
Uma estatua, minha Tia !...

QUITERIA

E' que eu sou experiente...
Talvez mais do que ninguem !...
E, hoje, meninas, a gente
Que mais vale—è a que mais tem...

SOPHIA

Nós, porém, moças e bellas,
Tendo sonhos idéaes,
Dentro dessas esparrelas,
Garanto que as tres donzellas,
Não hão de cahir, jámais !

QUITERIA (*zangada, canta*)

E por que ? !

ARMINDA (*imitando-a*)

Ora, por que ? !...

OLGA (*continúando o canto*)

Vou a resposta lhe dar :
Velhas como vossemecê
Não se lembram de casar.

QUITERIA (*exasperada, ainda a cantar*)

Atrevida !... Malcreada !...
Eu hei de ser respeitada,
Mesmo a força de cacete !

SOPHIA (*proseguindo*)

E se, por fatalidade,
Contrariam-lhe a vontade ?

QUITERIA (*terminando o canto*)

Estouro como um foguete !

ARMINDA (*recitando*)

Pôde a senhora estourar
E, se quizer, nos surrar
O couro, ha de fazer bem...
Mas, não nos dê para esposo
Um caréca...

OLGA

Já idoso...

SOPHIA (*sorrindo*)

E avô de Mathusalém !...

QUITERIA

Quer queiram vocês, quer não,
O droguista ha de casar...
Quem lhe dêr a sua mão
Aprende a manipular !...
E, depois... chamo atenção :
Elle tem muito o que dár !...

(Signal de dinheiro)

ARMINDA

Mas, não é bom que estejamos
A desbordar conjecturas...

OLGA

Mesmo porque, como estamos,
Nem sempre a serio levamos
Essas grotescas figuras.

SOPHIA

Quaes serão os predicados
Desse velho ferrabraz ?

QUITERIA

Possûe doze mil cruzados !
Pois, então, que querem mais ? !

ARMINDA

Mas, chega a ser um desdoiro
Minha Tia, a insinuação !

OLGA

Será pouco todo o oiro
Do mais radioso thesoiro
Pelo amor do coração.

TIA QUITERIA

QUITERIA

Pois, pensam as senhoras muito mal!
Tendo em vista a fortuna do velhote,
Póde uma esposar-lhe o capital.
Levando, em festa, o senhor *Chomè*, de dote!...

SOPHIA

Eu evito servir-me do conselho
Que nos dá, sem reservas de insistencia...

ARMINDA

A Tia, assim, revela ser o espelho
De uma velha e rançosa experiencia!

QUITERIA

Para freira, por certo, não fiquei...
Casei-me, como sabem, lá na praça,
Mas, ao consorte, a minha mão só dei
• Depois que soube que elle tinha *massa*!...

OLGA

Seu caso é um caso sensacional!...

ARMINDA

Que melhor a define á luz do dia...

SOPHIA

Que tristeza, render-se ao vil metal,
Todo interesse, o coração da Tia!...

QUITERIA

E, por fazer assim, minhas meninas,

Herdei do meu finado, honesto e franco,
Um cartucho de libras esterlinas,
Uma fazenda, e dez acções dum Banco !

OLGA

Quem muito vive, certo, muito aprende...

ARMINDA

E vai sempre aprendendo, a cada instante.

OLGA

Meu coração, porém, jámais se rende
A's mil patacas de qualquer tratante.

SOPHIA

O meu tambem é fortaleza austera,
Que, para repellir velhos gaiteiros,
A minha voz de—fogo! alerta, espera,
No doce enlevo de ideáes fagueiros.

ARMINDA

Quanto ao meu, dou-lhe inteira liberdade...
Que seja, para sempre, um sonhador,
Se não achar, em plena mocidade,
Por quem palpite, em extase de amor.

QUITERIA (*zangada*)

Fiquem certas, porém, que hei de casar,
Daqui para o meu dia natalicio,
A que possa, entre as tres, mais agradar
—*Thomé Mamède Serapião Simplicio !...*

Vou já lá dentro... Voltarei em breve...

(*Entra*)

OLGA

Que lembrança feliz a Tia teve !...

SCENA III

As mesmas, menos Quiteria

SOPHIA (*sorrindo*)

Então, Arminda, o que fazer devemos
Quando aqui nos chegar o pretendente ?

OLGA

Sim, vamos ver... E' justo que estudemos
O meio de *cortal-o*, efficazmente !

ARMINDA

Precisamos fazer-lhe muita móssa :
—Chamar-lhe feio, paspalhão, caipóra...
Levando o velho em formidavel troça
Até vel-o sahir de porta á fóra.

SOPHIA

Vamo-nos rir á custa do basbaque.

OLGA

Mas, como virá elle aqui vestido ?

ARMINDA

Com corteza, embrulhado n'algun frack,
Dentro, talvez, de um balandrau comprido.

SOPHIA

Si o candidato original da *Tia*
Se apresentasse assim, coisa engraçada !
Garanto que eu com elle romperia
No trote, no assobio e... na palmada.

THOMÊ (*fôra, batendo palmas*)

Dão licença ?

AS TRES

Quem é ?

THOMÊ (*da porta, imbecilmente*)

E' seu Thomê Mamède.

OLGA (*disfarçando*)

Entre, faça favor...
Vocemecê manda e não pede.

SOPHIA (*a Arminda*)

E' elle ? !

ARMINDA (*sorrindo*)

E por que não ?

OLGA

E' o nosso pretendente ? !

ARMINDA

Elle mesmo, que ahi vem... Já se fez annunciar.

SOPHIA

Vamos vêr, de nós tres, qual a mais persistente
Em fazer, junto á *Tia*, o velho encalistrar.

SCENA IV

As mesmas e Thomé, da porta, vestido de tabaréu e a sorrir abobalhadamente.

THOMÉ

Ora, graças a Deus, eis-me chegado
Ao porto desejado !...

OLGA *(de si para si)*

Minha Nossa Senhora da Tortura,
Livrai nós tres desta caricatura !...

THOMÉ *(á parte, muito admirado)*

As sobrinhas da velha, atrevo-me a dizel-o :
—São mesmo tres *peixões* de arrepiar cabelo !

ARMINDA

Entre, faça favor. A casa é nossa.

THOMÉ *(indeciso)*

Mas, eu, menina, é que não sei se possa....

SOPHIA

Se póde entrar ? Pois não !

OLGA

Entre, á vontade.

THOMÉ

Permittam, neste caso, a liberdade...

(Entra e toma uma formidavel pitada)

ARMINDA (*rindo-se*)

Sorvendo esta pitada de tabaco,
'Traz-me, o senhor, palpíte no macaco !

THOMÉ (*amavelmente*)

Ku tambem, nesta sala penetrando,
Fui logo, incontinente, me lembrando,
Ao vel-a tão formosa, tão facêta,
De jogar, jogar muito, já se vê...

SOPHIA

Faça favor de nos dizer, em que ?

THOMÉ (*sorrindo*)

No travesso perfil da borboleta.

OLGA (*às irmãs*)

Ao entrar-nos em casa, elle inspirou-se !

ARMINDA

Um bravos, ao poeta d'agua doce !

(*As tres batem palmas*)

SOPHIA (*depois de ligeira pausa*)

Diga-nos cá, meu velho:—Por capricho,
Ou por necessidade de dinheiro,
Porventura, tambem joga no *bicho*
Que tanto faz sonhar, hoje, o *Fagueiro* ?

THOMÉ

Ah, não ! Falando muito seriamente,
Minha cara deidade, eu, hoje em dia,
Faço questão jogar, unicamente,

Com todo entusiasmo e muito ardor,
Na grande e seductora loteria...

AS TRES

Do Natal ?

THOMÉ (*sorrindo*)

Sim... mas, do Natal, do Amor !...

OLGA (*às outras*)

Pelo que vejo, o velho paspalhão
Deu começo a fazer declaração !

THOMÉ (*depois de espirrar*)

Isto não faz quem quer... Fal-o quem pôde...

ARMINDA (*sorrindo*)

Bom palpite, meninas, para o hóde !...

THOMÉ (*revidando*)

O que me trouxe aqui foi coisa séria...
Foi um assumpto de alta relevancia...
(*Reparando em torno á sala*)

Mas, onde se escondeu dona Quitéria ?
Ella, sim, me dará toda importancia.

SOPHIA

Nós tambem consideramos,
Como macrobio, o senhor...

OLGA

Tanto que, lhe supplicamos:
—Diga o que quer, por favor.

THOMÉ

Francamente... Eu sinto pouca
Confiança em lhes falar.

ARMINDA

Tire a bolacha da bocca,
Dê-se pressa em se explicar.

THOMÉ (*apòs ligeira indecisão*)

Pois bem... Ha mezes que eu vontade tenho
De me casar, pois, de casar preciso...
D'ahi, qual novo *Adão*, agora venho
Atraz da *Eva* do meu Paraíso !

• SOPHIA (*às irmãs*)

O novo pai Adão
Sò asneiras arrota !...

OLGA

Eu logo vi, pela encadernação,
Que o bicho era idiota !...

ARMINDA

Mas, sempre é bom a gente
Ouvil-o alegremente.

(*Dirigindo-se a Thomé*)

Continue a falar
E claro seja,
Si presume encontrar
O que deseja.

THOMÉ (*desconfiado, coçando a careca*)

Si licença me dão...

TIA QUITERIA

AS TRES

Pois não ! Pois não !

THOMÉ

Não me convindo mais a vida de solteiro
Quero, agora, prender-me á u'a gentil deidade...

SOPHIA

Fazer-se dos grilhões do amor prisioneiro,
Ao contar, senhor Thomé, tão fabulosa idade ?!

THOMÉ

Menina, assim é preciso...
Que importa não ser rapaz ?
Quando sonho um Paraíso,
Aberto todo em sorriso,
De delicias conjugaes !...
Pretendo casar...

OLGA

Se é
Que não tem *urucúbaka*...

ARMINDA

Porém, saiba, senhor Thomé,
Que o casar, não é casaca !...

THOMÉ (*sem disjarçar o seu acanhamento*)

Uma das senhoras tres
Bem podia, inda este mez,
Esposar a minha mão.

SOPHIA

De bom grado, a não acceito...

OLGA

Por minha vez a regeito...

ARMINDA

Indefiro a petição.

THOMÊ (*muito admirado*)

Mas, por que?... Quero saber ?...

SOPHIA

Cá, por mim, vou lhe dizer :

(*Canta*)

Acho certa esquisitice,
Que me faz contrariar,
De quem, chegando á velhice,
Quer, na velhice, casar !...
Maduro, assim, como é,
Eu faria grande asneira,
Si dêsse ao senhor Thomé
A minha mão de solteira.

THOMÊ (*canta*)

Ai, que palavras de fél...
Que desengano cruél !

OLGA (*canta*)

Por mais que busque, não creio
Que contracte o casamento...
Pois, o senhor é muito feio,
Velho, molle e rabujento...
E eu que sou moça e formosa,
E um noivo chique inda espero,
Tendo sonho côr de rosa,
A mão de um velho não quero.

THOMÉ (*canta*)

Se a coisa termina assim,
Perco o meu tempo e o latim!...

(*Dirigindo-se a Arminda*)

Vê como eu sou infeliz? !...
E, a senhora, o que me diz ?

ARMINDA (*canta*)

Já que deseja me ouvir
E se questão disto faz,
Tenho, apenas, a pedir
Que o senhor nos deixe em paz.
Tudo aqui é mocidade,
Sonho azul, de amor ardente,
E á gente de sua idade
Faz mêdo á idade da gente.

(*Cessa o canto*)

THOMÉ

Ora, vejam, que nova descoberta,

(*Dá dois espirros*)

SOPHIA (*rindo-se*)

O bôde quando espirra, a chuva è certa !...

SCENA V

As mesmas e a Tia Quitéria

QUITERIA

Eis-me de volta...

OLGA

Chega a tempo ainda...

QUITERIA (*cumprimentando Thomé*)

Folgo muito de o vêr !...

THOMÉ

Seja bemvinda!

QUITERIA (*sorrindo*)

Creia que atè parece uma pilheria :

—Chamar Bemvinda a quem se diz Quitéria !

(*Noutro tom*)

Então, poderei saber,
Já que aqui compareceu,
Qual acabou de escolher
Para os laços do hymineu ?

THOMÉ

Perdão ! Sobre este assumpto não mais falo...
Sou mudo como um sino sem badalo.

ARMINDA

Minha Tia, este velho paspalhão,
Se teve, já não tem mais pretensão !...

QUITERIA (*para Thomé*)

Que me diz ? ! A coisa é seria ? !

THOMÉ (*muito triste*)

Pòde crêr, dona Quitéria :
Nenhuma das tres deseja
Que eu dellas marido seja !...

QUITERIA (*formalizando-se*)

Nem *Arminda*, nem *Olga*, nem *Sophia*
Quizeram sua mão !... Eis o resumo !...

SOPHIA

Certo que sim.

OLGA

Esta mercadoria
De ha muito que está fóra do consumo!...

THOMÉ (*zangado*)

Eu, fóra do consumo ? ! Isto é que não !...
Reforme a phrase... E não me faz favor...
Sempre tive e inda tenho cotação
No commercio romantico do amor.

ARMINDA (*rindo-se*)

No commercio do Amor ! Phrase de succo !...

SOPHIA (*á meia voz*)

Só a gente vaiando este maluco !...

QUITERIA (*com ar de sufficiencia*)

Não admitto !... Senhor *Thomé Maméde*,
Máo grado todo o meu acanhamento,
Sou eu, dona Quiteria, quem lhe pede
A mão, agora mesmo, em casamento !...

OLGA (*muito admirada*)

Meu Deus, o que é que ouço ? O que é que vejo ? !...

ARMINDA (*rindo-se*)

O encontro da vontade com o desejo !...

SOPHIA (*troçando*)

A velha, o velho para si ageita.

OLGA

Quem bôa cama faz, nella se deita !

ARMINDA (*a Thomè*)

Si acceitar, como espero, a mão da Tia,
De f'licidades seu caminho junca...

THOMÈ (*depois de apanhar o chapéu e reparar,
de alto a baixo, a carcassa de Quitéria.*)

Rejeito a obra, que é de fancaria...
Dona Quitéria "não me pega é nunca !..."

(*Sae apressadamente*)

QUITERIA (*corre à porta, desesperada, enquanto
as sobrinhas ficam a gargalhar.*)

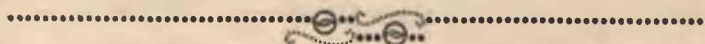
Patife, rôcôcô, malcreadão,
Merecias tomar um bofetão !

AS TRES (*cantam*)

A velha que se lembrar
Dos banhos da santa Igreja,
Deve insistir na peleja
Si um noivo souber laçar...
Do contrario, na porfia
Dessa illusão *encrencada*,
Há de ser taboquçada
Como agora foi a Tia !...

TABLEAU.

OS CAJÚS DO PAPAI



DIALOGO INFANTIL, EM VERSOS

**Representado no Theatrinho JUVENTUDE,
da cidade de Macau.**

PESSOAS :

ALDO 10 annos

NAIR 8 annos

SCENA UNICA

O scenario representa um gabinetesinho, modestamente mobiliado, com uma porta à D M e outra à E M. Ao F, duas janellas abrem para um bonito jardim. De um lado da scena, vê-se uma pequena cama com os lenções em desalinho; e do outro está uma mesinha, onde ALDO arruma os seus livros de estudo. São 6 horas da manhã.

NAIR (*entrando.*)

Bom dia, mano querido !

ALDO

Cara maninha, bom dia !

NAIR

Como vaes de Geographia ?

ALDO (*continûando a arrumar os livros*)

Eu ?... Como Deus é servido.

NAIR

Muito cedo estás alerta,
Madrugas como ninguem ? !

ALDO

Tu não deixaste deserta
A tua cama também ?!

NAIR

Mas, eu sempre acordo cedo.

ALDO

Foi o que me aconteceu !...

NAIR

Quem sabe ?! Talvez com medo
De dormires mais que eu.

ALDO

A graça é que, me acordando,
Puz-me da cama p'ra fóra...
Mas, estou quasi *apitando*
Por dormir mais meia hora!

NAIR

Não faças lá muito empenho
De dormires, meu *Aldinho*,
Pois tu...

(Dirigindo-se para a cama)

ALDO

Eu... sim, que è que tenho ?

NAIR *(sorrindo, mostrando um lençol)*

Molhaste os lençóis de linho...

ALDO *(encalistrado)*

Eu ?! Não senhora. Protesto !

Molhar os lençóis ! Que asneira !
Isto é engano manifesto.

NAIR

Quem foi, então ? !

ALDO (*atrapalhado, apontando para o tecto*)

A... a... a goteira !

NAIR

Tu estás a dizer tolice,
A desculpa é muito fria...
Quem foi, *Aldo*, que te disse
Que a goteira isto fazia ?

ALDO

Muito esquecida ficaste !
Foste tu que, muito esperta,
Certa noite, me ensinaste
Quando eu molhei-te a coberta...

NAIR (*mudando de inflexão*)

Ao deixares tua cama
Fizeste o *Pelo Signal* ?

ALDO

Mamãe, bem sabes, reclama
Esse dever matinal !

NAIR

Eu sei que a preta *Bilèu*,
Disse á filha do *Mathias*,
Que a gente não vai ao céu
Sem rezar todos os dias !

ALDO

O padre *Honorio* também,
Que a salvação nos deseja,
A mesma coisa já tem
Dito às beatas, na igreja !
E', com certeza, por isto
Que a *mamãesinha*, coitada !
Vive orando aos pés de Christo,
Até alta madrugada !

NAIR

E o *papai*, o que é que faz,
Quando em casa, sem dormir ?

ALDO

Rabisca para os jornaes.

NAIR

Depois ?

ALDO

Fuma e vai dormir.

NAIR

Ouço dizer que o *papai*
E' major ; sei entretanto,
Que elle ao quartel não vai,
Nem veste farda, garanto !

ALDO

Maninha, o que sei, realmente,
E acho a honra muito pouca,
E' que elle não tem patente !...

NAIR (*muito admirada*)

E é major ? !

ALDO (*sorrindo, como a segredar*)

Major... de bocca !...
Mas, si um dia, chego a ser
Governador de Natal...

NAIR

Que è que pretendes fazer ?

ALDO

Faço o *papai*—general !

NAIR

Mas, eu delle sempre junta...
E na *mamãe*, não se fala ?

ALDO

Por esta, nem se pergunta !
Mamãe será generala !

NAIR (*acariciando Aldo, com muita meiguice*)

Depois, *Aldo*, o que faràs
Da tua pobre irmãsinha ?

ALDO (*enthusiasmado*)

Tu, hás de ser a Rainha
Das gentis collegiaes !

NAIR (*com muita arrogancia*)

Rainha ? ! Ao throno me esquivo...
Nesta não cae tua mana !...

ALDO (*surprehendido*)

Mas, então, por que motivo ?

NAIR (*com arrogancia*)

E' que eu sou republicana !

ALDO (*mostrando a Nair dois retratos que se acham appostos à parede.*)

Papai e mamãe !

NAIR (*olhando, com toda doçura*)

Nos dois

Nosso amor todo encerrou-se...

ALDO (*fitando ainda os retratos*)

Almas brancas como arroz !

NAIR (*muito admirada, para Aldo*)

Arroz ?!

ALDO (*sorrindo*)

Sim ! mas, arroz doce.

NAIR (*contemplando o retrato do papai*)

Quero tanto bem a Elle!...

ALDO (*revendo o da mamãe*)

Quero tanto bem a Ella!...

NAIR

O meu coração è delle.

OS CAJÚS DO PAPAI

ALDO

E o meu coração é della.

NAIR

Elle me dá brinquedinhos,
Pois, inda hontem, mo's deu !

ALDO

Ella me guarda bolinhos,
Quando eu volto do Athenen !

NAIR

Elle, ás vezes, me adormece,
Perto da cama, a cantar.

ALDO

Ella, dizendo uma prece,
Tem-me feito resonar.

NAIR

Papai è tão bom pr'a mim
Que as minhas faltas perdôa !

ALDO

Minha mamãe é tão bôa
Como nunca vi assim !

NAIR

Uma vez, entre nós dois,
Houve uns arrufos, ali...
(Aponta para o interior)
Elle ralhou, mas, depois,
Chamou-me e beijou-me, aqui.
(Indica à face)

ALDO

Mamãe já me *sabugou*...
Foi-me ao *coiro*, certo dia...
Depois, tanto me amimou
Que eu fiz nova estripulia !

NAIR

Ella, a elle sempre unida,
Quantas caricias nos faz ?...

ALDO

Não há nada nesta vida
Como o amor de nossos pais !...

NAIR

Portanto, seguir devemos
Os conselhos que nos dão...
(Pegando de um livro)
Mãos á obras ! Estudemos,
De Francez, nossa lição.

ALDO *(muito admirado)*

Estudar ? ! De modo algum !
Seria imprudencia até...
Não sabes que eu, em jejum,
Sou fraco como um guiné ? !...

NAIR

E' bom que estudemos, sim.

ALDO *(mostrando a folhinha da parede)*

Olha, aqui, para a folhinha ?...
Tu queres trocar de mim...
Hoje é domingo, maninha !

NAIR (*com alegria*)

Devias lembrar mais cêdo !
Domingo ! Que é que me dizes ? !

ALDO

—Que nós somos dois petizes,
Devotos do deus brinquedo !

NAIR

Do deus brinquedo, somente ?
Não senhor, de outro melhor !...
E a prova disto é que a gente
Já sabe o *Credo*, de côr !

ALDO

O *Credo*, apenas, maninha ? !
Não fales por minha vez,
Que eu recito a *Ladainha*
Em Latim e em Portuguez !

NAIR

O Latim, a muito custo,
Bem sei que aprendeste a ler...

ALDO

Mas, diz doutor *Zè Augusto*,
Que o Latim 'stá p'ra morrer !

NAIR

Morre o que !... Deve ser graça...

ALDO

Si é, não sei ! Mas, quanto a mim,
Havendo padres na praça,

Há de existir o Latim !
Para mantel-a tambem,
Das letras no grande mappa,
A lingua de Horacio tem
Cardiaes, Bispos...

NAIR

E o Papa !

ALDO

Além desses clericaes,
Que tratam da salvação,
Há outros amigos mais,
Que, ás vezes, fazem sermão !

NAIR *(sorrindo)*

Amigos ? ! Tolice tua...
Gorgeios de rouxinól...

(Batendo-lhe sobre o hombro)

O que eu bem sei é que a Lua
Estima, quer muito ao Sol !

ALDO *(com toda amabilidade)*

E's minha affeição de há mezes...

NAIR

Da qual nunca duvidaste.

ALDO

Muito embora, algumas vezes,
Tu te zangues e eu me agaste.

NAIR

Mas, a minha zanga passa,
Como as bolhas de sabão !...

ALDO

E a minha como a fumaça
Dos traques de São João...

NAIR

Si hoje é domingo, maninho,
Vai te apromptar, meu petéca,
Que tu tens de ser padrinho
De minha linda boneca.

ALDO (*muito alegre*)

Então, vou ser teu compadre ?
Vaes me dár esta afilhada ?!

NAIR

Mas, serei tua comadre,
Depois que a vir baptisada.

ALDO

E que nome á augusta pia
De baptismo ella conduz ?

NAIR

Ouve lá—o de Maria,
Mãe piedosa de Jesus !...
Mas, *Aldo*, primeiro vamos
Assistir nossa missinha....

ALDO

Como assim ?! Não esperamos
Que a mamãe volte maninha ?!
Ella, cedo, despertou
E em casa ficar não quiz,
Quando o sino repicou
Lá na torre da Matriz !

NAIR

Alma cheia' de virtude,
Foi, talvez, pedir p'ra nós,
Ao bom Deus, muita saúde...

ALDO

E p'ra o papai ?

NAIR (*sorrindo*)

Mais borões !...

ALDO (*ouvindo rumor de passos, no interior, vai observar de uma das portas e volta muito satisfeito, dirigindo-se a Nair.*)

Eil-a ahi ! Corre, depressa !
Ella acaba de chegar...
Mas, já cumpriu a promessa
De tanto e tanto rezar !

NAIR (*presentindo também novos passos, do lado oposto, depois de, como Aldo, observar, dirige-se a este.*)

Papai também já voltou !

ALDO (*sorrindo*)

A pensar, talvez, n'ahorta...
Pelo portão ella entrou.

NAIR

Mas, elle entrou pela porta.

ALDO (*despertado por uma idéa*)

Espera !... Si não me engano,
O papai, hoje, completa
Mais um cajú, mais um anno

De existencia de... poeta !...

NAIR (*muito contente*)

Faze-lhe uns versos...

ALDO

Pois não...

NAIR

Para saudal-o, maninho !
Sabes que diz o rifão ?
—Filho de gato é gatinho...

ALDO (*muito satisfeito*)

Olha, um plano ! E eu desafio
Que alguém o meu plano tome :
—Uns versos de outro copio
E ponho, em baixo, o meu nome !

NAIR

Maninho, que cara dura...
Acho isto muito feio !
Pois queres fazer figura,
Usando o chapéu alheio ? !

ALDO (*encalistrado*)

Si assim é, minha gasguita,
Não 'stejas tu a dizel-o,
Desde que andas com u'a fita
Da mamãe, presa ao cabelo !...

NAIR (*contrariada*)

Maninho, isto não se faz !
Ao papai, incontinente,

Vou já me queixar que estás
Fazendo vergonha a gente !

(Vai sahir, mas Aldo a detém)

ALDO *(disfarçando)*

Alto lá ! minha tolinha...
Não faças isto commigo ;
Tu não 'stás vendo, *maninha*,
Que eu quero è brincar contigo ?

NAIR *(conformada)*

Pois, então, não digas mais
Que è da *mamãe* este laço,
Do contrario eu queixa faço
E tu, hoje, apanharás !

ALDO

Não digo. Mas... que faremos
P'ra realçar neste dia ?...
Para a estima que lhe temos,
Eu penso que nòs devemos
Encher o lar de alegria.

NAIR *(muito prazenteira e tendo sempre ao braço
uma sua boneca.)*

Ao papai, fazendo festa,
No seu dia anniversario,
Vou dar-lhe um beijo na testa...

ALDO *(com admiração)*

Um só ? !

NAIR

Não !
Dou-lhe um rosario.

OS CAJÓS DO PAPAI

ALDO (*contentissimo*)

O *diacho* é quem não vai,
Depressa, agitando os passos,
Dar também no meu papai...

NAIR

O que ?

ALDO

Cincoenta... cem... mil abraços !

(*Os dois, alegremente, sahem correndo para o interior, erguendo vivas ao papai.*)

TABLEAU.

ELLE... ELLAS... E A OUTRA...



FANTASIA EM VERSOS

DE PROPAGANDA HUMORISTICA, ORNADA COM
DOZE NUMEROS DE MUSICA, ORIGINAES DO
::: PROFESSOR SINESIO FREIRE :::

Representada no THEATRO CARLOS
GOMES, em a noite de 31 de De-
zembro de 1920, pela COMPANHIA RE-
GIONAL, sob a direcção do actor-comico
Alexandrino Rosas.

DISTRIBUIÇÃO

AGUA DA FONTE	LILI CARDONA
ROUPA SUJA	PILAR CARDONA
SABÃO SABIÁ	FERREIRA DA SILVA
FABRICA DE TECIDOS	MERICIA DE CARVALHO

*Coro dos Camponeses, das Arvores, das Lavadeiras e dos
Operarios. Apotheose.*

ACTO UNICO

SCENARIO

Trecho alegremente verde de uma bonita floresta. Ao F. espreguiça-se um grande rio, recebendo a carícia morna dos ultimos beijos do sol, que se vai mergulhando no seio do poente de oiro e rosa. Ouve-se, ainda ao longe, a canção bucolica dos camponezes que, retornando á casa, ao fechar do dia, atravessam, depois, a scena, ao F., conduzindo foices, enxadas, paes, alviões, etc. etc. O panno sobe preguiçosamente.

SCENA I

CÔRO DOS CAMPONÊZES

SOLO

O sol já lá se escondeu
Por detraz daquelle monte,
E a noite á terra desceu
Pela escada do horizonte.

ESTRIBILHO

Prado orvalhado,
Terra sombria,
Céo estrellado,
Todo fulgor ;
Vergeis floridos,
Aureas mimosas,

ELLE... ELLAS... E A OUTRA...

Sonhos de rosas,
Noites de amor !...

SOLO

Faz-se sombra nos caminhos,
Quando morre a luz do sol...
Começa a festa dos ninhos
Ao renascer do arreból.

ESTRIBILHO

Prado orvalhado,
Terra sombria,
Céo estrellado,
Todo fulgor;
Vergeis floridos,
Aureas mimosas,
Sonhos de rosas,
Noites de amor !...

Os camponezes desaparecem pela D. A.

SCENA II

SABÃO SABIÁ, AGUA DA FONTE E ROUPA SUJA,
entram pela E. A.

ROUPA SUJA

Ora, graças a Deus ! Enfim, mais uma vez,
Vamos, juntos, palrar, risonhamente, os tres !

AGUA DA FONTE

Eu quero é que, hoje, venha á tona da memoria
De cada um de nós tres a verdadeira historia.

SABÃO SABIÁ

Como assim ? ! Queres tu saber nosso passado ? !

ELLE... ELLAS... E A OUTRA...

AGUA DA FONTE

E o presente tambem, que não seja olvidado.

ROUPA SUJA

Revele a sua vida aos demais quem quizer,
Mas, acho indiscrição !...

AGUA DA FONTE

Que é propria da mulher.

SABÃO SABIÁ

Por isso é que a mulher suporta, algumas vezes,
O riso, sempre alvar, de uns perfidos burguezes !

ROUPA SUJA

Mas, haja precaução...

SABÃO SABIÁ

Falemos em surdina...

AGUA DA FONTE

Antes do vir d'aurora á porta levantina.

ROUPA SUJA

Neste caso, tens tu a palavra primeiro,
Deuza...

SABÃO SABIÁ

Fonte de amor do rincão brasileiro !...

AGUA DA FONTE (*apòs ligeiro silencio*)

Pois bem... Vou-lhes fazer a discrição precisa
De minha vida, em flor, de formosa poetisa.

SABÃO SABIÁ (*sorrindo*)

Poetisa ? !

ROUPA SUJA

Isto é pilheria, irrisão ou mentira !

SABÃO SABIÁ (*á Agua da Fonte*)

Só agora é que eu sei que tu gostas da lyra !...

AGUA DA FONTE

Queiram-me ouvir. Depois, mas, só depois, então,
Façam favor dizer si eu sou poetisa, ou não ?

SABÃO SABIÁ

Si, realmente, és poetisa, eu já sei que me arraso,
Ao montar sentinella ás portas do Parnaso !...

ROUPA SUJA (*ao Sabão Sabiá*)

E' modestia invertida a desta presumpçosa...
Ella, nada mais é que—uma grande vaidosa !

SABÃO SABIÁ (*á Agua da Fonte*)

Já que tu és poetisa, e n'arte te requintas,
Recita que, mais tarde, eu *te darei as tintas*...

AGUA DA FONTE

Si assim querem...

ROUPA SUJA

Pois não ! Sê breve e original.

SABÃO SABIÁ

Si é que pretendes ser—nosso poema fluvial.

ELLE... ELIAS... E A OUTRA...

AGUA DA FONTE

Neste caso... (*tomando attitude para recitar*) lá vai...

ROUPA SUJA (*surprehendida*)

O que ? ! Lavar-me, agora ? !

SABÃO SABIÁ

E' esquesita a lembrança, em virtude da hora

AGUA DA FONTE (*zangada*)

Estou seria a lhes falar ! Vou logo prevenindo.

SABÃO SABIÁ

Serio tambem eu sou...

ROUPA SUJA (*maliciosamente*)

Mas, quando estás dormindo...

AGUA DA FONTE (*canta*)

Concedam-me, porém,
A melhor atenção...

SABÃO SABIÁ (*canta*)

Pòdes falar, meu bem...

ROUPA SUJA (*canta*)

Pòdes falar, pois não !

TODOS (*cantam*)

—Assim juntinhos,
Agarradinhos,

Pombos arrulam,
Ebrios de amor...

ROUPA SUJA (*ao Sabão Sabiã*)

—Ai !... Não me acoches !...

AGUA DA FONTE (*ao mesmo*)

—Ai !... Não me arroches !...

SABÃO SABIÃ (*às duas*)

—Então, não bulam
Mais, por favor !...

AGUA DA FONTE (*recitando*)

Querem saber quem sou ?—Filha do fogo audaz,
Venho da combustão do hydrogenio, do gaz.

ROUPA SUJA

Entretanto, pensei, vou te dizer—ahi vai :
Que tua mãe fosse a Terra, e o Oceano, teu pai !

SABÃO SABIÃ

Filha do fogo ! Então, como é que, sobre a Terra,
Onde há larvas de incendio, ao fogo fazes guerra ?

AGUA DA FONTE

E' que a dôr da piedade a minh'alma traspassa,
Quando vejo atear-se o tufão da desgraça.

ROUPA SUJA

Estou sciente... (*Vem surgindo a lua*)

SABÃO SABIÃ

Já sei...

ELLE... ELLAS... E A OUTRA...

ROUPA SUJA

Prosegue. (*Ouve-se latir um cão*)

SABÃO SABIÁ

Continúa.

AGUA DA FONTE

Silencio !... (*Sabão Sabiá indo observar do F.*)

Ouço rumor !...

SABÃO SABIÁ (*descendo*)

E' um cão, que ladra á lua !

ROUPA SUJA (*à Agua da Fonte*)

Vamos, fala outra vez.

SABÃO SABIÁ

A hora se adeanta. (*Ouve-se o miar dum gato*)

AGUA DA FONTE

Ladra um cão !... (*Ouve-se cantar um gallo*)

ROUPA SUJA

Mia um gato !...

SABÃO SABIÁ

E, ao longe, um gallo canta !. .

ROUPA SUJA

Não ha tempo a perder... Falemos, de nós tres.

SABÃO SABIÁ

Fala, *Água da Fonte*.

ROUPA SUJA

E's tu, que estás na vez.

SABÃO SABIÁ (*canta*)

Fala, tu, que vens dos montes...

ROUPA SUJA (*canta*)

Fala, enquanto estamos sós...

SABÃO SABIÁ (*canta*)

Comtanto que tu nos contes
O que fazem teus *coiòs*...

ÁGUA DA FONTE (*canta*)

Ao falar, não tenho medo
Dos homens, dos seus ardis...
Mas, não desvendo o segredo
Dos meus amores gentis.

SABÃO SABIÁ (*recita*)

Eu bem feliz seria, assim, de ti tão perto,
Si visse o teu segredo, hoje, aqui, descoberto.

ÁGUA DA FONTE

A's vezes, estremeço e sinto uma vertigem,
Si ameniso o calor de um bello corpo virgem.
Padroeira do campo, em mim todo se encerra
O bem maior que enfeita o coração da terra.
Reflecto no meu seio, airoso e tentador,
A pureza do céu e a candidez da flor.

ELLE... ELLAS... E A OUTRA...

Sou a gotta de essencia, o doce, o meigo orvalho,
Que estrella os roseirae e fecunda o trabalho.

ROUPA SUJA

E o que serás, então, dos bons floricultores ?

AGUA DA FONTE

O diamante, a luzir na corolla das flores.
Tenho o regio poder, tenho a excelsa virtude
De dar á terra—pão, vigor, força e saúde !

SABÃO SABIÁ

Rainha universal, *San Juan* talvez te sagre,
Si a *Força* e *Luz* tiver do teu jorro o milagre.

AGUA DA FONTE

Ao deslaçar-me do ar, desprendendo-me em jorro,
Da terra o seio ardente, então, feliz percorro.

SABÃO SABIÁ (*canta*)

Antes do sol ter raiado
Lá, na curva do horizonte,
Quem me déra ser molhado
Por detraz d'aquelle monte !...

TODOS (*cantam*)

Assim, juntinhos,
Agarradinhos.
Pombos arrulam,
Ebrios de amor !...

ROUPA SUJA (*ao Sabão Sabiá*)

Ai, não me acoches !...

AGUA DA FONTE (*ao mesmo*)

—Ai ! Não me arroches !...

SABÃO SABIÁ (*às duas*)

—Então, não bulam
Mais, por favor !...

ROUPA SUJA (*à Agua da Fonte*)

Tu falas a verdade ?

AGUA DA FONTE

Indubitavelmente !

SABÃO SABIÁ

Pois fazes coisas taes que embasbacats á gente !...

AGUA DA FONTE

Que importa que a Verlaine, um grande sonhador,
Entristecesse, um dia, o meu vago rumor ? !...
Quando, ás vezes, do azul, eu me deslaço, vejo
A alegria esplender no olhar do sertanejo ;
E, ao orvalhar o verde ondeante da floresta,
Ouço o gado a mugir, e aves cantando, em festa.

ROUPA SUJA (*enthusiasmada*)

Água! Nympha idéal ! Tu és o nosso orgulho !

SABÃO SABIÁ

Não fales no plural, que eu não vou neste embrulho !

AGUA DA FONTE

Mas, persigo, si o posso, e seja como fôr..

ELLE... ELLAS... E A OUTRA...

SABÃO SABIÁ

Roupa Suja ? !...

ROUPA SUJA

Sabão ? !...

AGUA DA FONTE

Nada disto—o calor !...

SABÃO SABIÁ

Mas, declaro, afinal, si te não causa magoa,
Que não faço questão de me afogar nest' *Água !...*

TODOS (*cantam*)

Que reclame gentil, tentador,
Mas, è mesmo um reclame idéal !

AGUA DA FONTE (*indicando o Sabão Sabiá*)

Quer o cêbo na terra ser flor !...

SABÃO SABIÁ (*indicando a Água da Fonte*)

Quer a *Água* também ser crystal !

AGUA DA FONTE (*recitando*)

E dentro do meu collo, airoso e socegado,
Mergulha, á noite, o céu, o seu pallio estrellado !

ROUPA SUJA

Não há que duvidar, és um espelho perfeito !

AGUA DA FONTE

Sei que Deus foi quem fez o meu nevado leito...
E a moeda de prata, a monja branca, a lua
Passeia, dentro em mim, a bella imagem sua.

ELLE... ELLAS... E A OUTRA...

SABÃO SABIÁ

Não errarás também, si alguma vez disseres
Que a lua é a doce irmã de todas as mulheres !...

AGUA DA FONTE

O sol, radioso, no alto, abrindo a luz crescente,
Vem sobre o dorso meu boiar, tranquillamente.

ROUPA SUJA

Tenho inveja do sol...

SABÃO SABIÁ (*intencionalmente*)

E eu, um ciúme voráz...
Porque elle está de cima, e tu embaixo estás !...

AGUA DA FONTE

Olha, filho—o ciúme é uma lepra mundana
Que vive deformando a pobre vida humana !...
Sô o homem, baixo e máu, na sua irreverencia,
Insiste em cultuar tão vil maledicencia.

ROUPA SUJA (*zangada*)

Quanto a isto, perdão ! Não erra quem disser
Que o ciúme irradiou de um'alma de mulher !...

SABÃO SABIÁ

Seria mamãe Eva, ao roçagar do vento,
Que, ao ver papai Adão, creou tal sentimento ?!

AGUA DA FONTE

Não senhor !... Esse gesto austéro foi devido
A's façanhas de amor, que assanhára um marido !...

ELLE... ELLAS... E A OUTRA...

ROUPA SUJA (*ironicamente, sorrindo*)

Mas, o que eu não sabia, ó minha nivea dama,
Eras seres tambem—moralista de fama!...

SABÃO SABIÁ (*à Roupas Sujas*)

Qual lá !... Ella o que faz, desfolhando um sorriso,
E' tirar conclusões do amor, no Paraíso...

AGUA DA FONTE

E sei desenvolver, risonhamente, as vidas
Das flores, dos vergeis, das arvores despidas...
Sou do ventre da terra a dadiva mais nobre,
A alegria do rico e o sonho azul do pobre.

SABÃO SABIÁ (*muito contente*)

Do pobre, o sonho azul?! *Sabão* por isto anseia...
Sem que receie fazer uma figura feia!

AGUA DA FONTE

Quando alago o sertão, quando abrando o calor,
Vejo abrir-se, no inverno, o algodoeiro em flor.
Sou piedade, sou mãe dos campos, da verdura...
Sou mais—ressurreição dos que a sede tortura!

ROUPA SUJA

E' por isso, talvez, que me trazes molhada!

SABÃO SABIÁ

E eu te quero beber... Minha sede é damnada!...

AGUA DA FONTE

Hylas foi attrahido... E, attrahido, assim, veio,
Segundo a lenda o diz, perder-se no meu seio!

SABÃO SABIÁ

Um novo Hylas eu sou... Hylas que não morreu,
Para, talvez, dormir no virgem seio teu.

AGUA DA FONTE

No emtanto, tenho dado vida a muitas vidas!...

ROUPA SUJA

Mas acolhes tambem a legião de suicidas!...

AGUA DA FONTE

Quantos vivem, por ahi, desde a cidade ao monte,
Que só acham prazer na *Agua* pura, da *Fonte*!...

SABÃO SABIÁ

Sei de mim que, soffrendo, embora, accerba fragon,
Si não beber-te aqui, bebo *outra especie d'agua*!...

AGUA DA FONTE

Agua da Fonte, assim, sem ser agua corrente,
Minha historia conclui, que o mais devo calar...

SABÃO SABIÁ

Quem cala, meu amor, calando é que consente,
E tũ tens um calado a dez pés, baixamar.

SCENA III

AS ARVORES (*entram cantando*)

Somos da terra querida
Ornamentos de belleza,
Em que a deusa Natureza
Ostenta seus esplendores...
A *Agua* é que nos dá vida,

ELLE... ELLAS... E A OUTRA...

Ao revelar uns segredos
—A' fronde dos arvoredos
E ao pólen virgem das flores.

Em nosso seio palpita
A alegria florestal,
Chegando a hora hybernal,
Que apaga a luz do arreból...
Depois... sensação bemdita !
Quando vem, de novo, o estio,
Sem mais o rigor do frio,
Cantamos—louvor ao sol !

Do campo os cultivadores,
Que a vida no campo têm,
Nos querem, como a ninguém
Pódem na terra querer...
—Deus proteja os lavradores,
—Deus proteja a pobre gente,
Que vê—na flor da semente—
A alegria do viver!...

SCENA IV

AS MESMAS, MENOS AS ARVORES

AGUA DA FONTE (*ao ver sahirem as Arvores*)

Sou eu que lhes dou vida e lhes orvalho os ninhos,
Onde vivem noivando os meigos passarinhos...

SABÃO SABIÁ

Si eu fosse, ai, quem me déra! um'ave, na floresta,
Minha vida seria—a de um bohemio, em festa !

ROUPA SUJA

No seio verde e bom das arvores se encerra
O milagre maior que já brotou na terra

SABÃO SABIÁ

Milagres ?! Também faço ; e os faço a cada instante,
Ao limpar a farpela ignobil de um tratante.

AGUA DA FONTE (*apòs ligeira pausa*)

Agora, fala tu, *Roupa Suja*.

SABÃO SABIÁ

Mas, não
Queiras vir nos falar da *besteira* do cãõ...

ROUPA SUJA (*como que indecisa*)

Não sei como dizer o que sou neste mundo.

AGUA DA FONTE (*ao Sabão Sabiá*)

Pobre da *Roupa Suja* !

SABÃO SABIÁ (*á Agua da Fonte*)

Seu desgosto é profundo !...

AGUA DA FONTE (*sorrindo*)

O desgosto, talvez, de andar emporcalhada,

ROUPA SUJA

Levando muito tempo ainda a ser lavada !

SABÃO SABIÁ

Mas, um consolo bom a tua sorte eu dou :
Conheço um portuguez que nunca se lavou !

ROUPA SUJA

No entanto, aqui p'ra nós, o meu maior cavaco
E' quando alguém me inflige o supplicio de um sacco!...

ELLE... ELLAS... E A OUTRA...

Dess'arte, presa assim, sem ter culpa formada,
E' que eu sou ao *Sabão* e á *Agua* condemnada.
Leva-me, então, á Fonte uma preta, um diabrete,
Que me esfrega na areia e tange-me o cacete !...

SABÃO SABIÁ

Cumpre á policia ir logo á lavadeira ter,
E obriga-a a assignar—termo de bem viver!...

AGUA DA FONTE (*á Roupa Suja*)

Comtigo, como vês, eu sou toda ternura...

SABÃO SABIÁ

E eu faço quanto posso em pról da tua alvura.
Tanto assim que hás de ter, perto d'*Agua*, a certeza
Que o *Sabão* é quem limpa essa tua impureza.

ROUPA SUJA

Fizessem-me asseiar com *Agua* e com *Sabão*,
E eu nada tinha a oppôr ; mas, com cacete ?! Não !

SABÃO SABIÁ (*canta*)

Tu havias de alvejar,

ROUPA SUJA (*canta*)

Como é que eu alvejaria ?

SABÃO SABIÁ (*canta*)

Si eu pudesse te esfregar,
Roupa Suja, todo dia !...

Todos (*cantam*)

Assim juntinhos.
Agarradinhos,

Pombos arrulam,
Ebrios de amor..

ROUPA SUJA (*ao Sabão Sabiã*)

—Ai ! Não me acoches !...

AGUA DA FONTE (*ao mesmo*)

—Ai ! Não me arroches !...

SABÃO SABIÁ (*às duas*)

—Então, não bulam
Mais, por favor !...

ROUPA SUJA (*recita*)

Eu sei é que me opprime o modo descortez
Por que me limpam hoje e sujam-me outra vez !

SABÃO SABIÁ

Tem paciencia... Outros há, na patria Brasileira,
Que sujos viverão uma existencia inteira !...

ROUPA SUJA

De dia, queiram ver—'starei quasi asseada !

SABÃO SABIÁ (*sorrindo*)

Mas, á noite, já sei—'stás toda lambusada !..
Tens nódoas no vestido e nódoas no casaco !...

AGUA DA FONTE

E' bem por isso, então, que te amarram n'um sacco !...

ROUPA SUJA (*canta*)

Ai de mim, da *Roupa Suja*,
Que é por todos chasqueada !

ELLE... ELLAS... E A OUTRA...

Os DOIS (*cantam*)

Parecendo uma coruja
Numa noite de invernada !

ROUPA SUJA (*canta*)

Aborrece toda gente
Minha humilde condição...

Os DOIS (*cantam*)

Gostam de ti, simplesmente,
—A *Água da Fonte* e o *Sabão* !

ROUPA SUJA (*recita, pesarosa*)

Eu sou muito infeliz ! Assim, ninguém me quer!...

SABÃO SABIÁ

Quem há que não procure um perfil de mulher ? !

ÁGUA DA FONTE (*á Roupas Sujas*)

Talvez fosse melhor que estivesses calada !...

SABÃO SABIÁ (*à mesma*)

Aproveita a lição !

ROUPA SUJA (*muito triste*)

Não digo mais pitada !

SCENA V

CORO DAS LAVADEIRAS,

(*que entram de trouxas á cabeça*)

SOLO

Lavadeiras,

ELLE... ELLAS... E A OUTRA...

Feiticeiras,
Para o rio toca a andar...
Antes que alvoreça o dia,
Nesta innocente alegria,
Vamos a roupa lavar.

ESTRIBILHO

Vida de cancelleiras,
Vida de labor!...
Pobre lavadeiras
Que não teem amor!..,

SOLO

Lavadeiras
Brasileiras,
Quando aqui, quando acolá,
Lavadeiras pretas, roxas,
Lavemos ás nossas, trouxas,
Com o bom *Sabão Sabiá!*

ESTRIBILHO

Vida de cancelleiras,
Vida de labor!...
Pobres lavadeiras,
Que não teem amor!...

SCENA VI

OS MESMOS, MENOS AS LAVADEIRAS

SABÃO SABIÁ (*ao ver sahirem as lavadeiras*)

Tinha gosto em passar lavando, horas inteiras,
Si eu fosse o lavador daquellas lavadeiras!...

AGUA DA FONTE (*sorrindo*)

Mas, antes de as lavar, fala tu, por tua vez.

ELLE... ELLAS... E A OUTRA...

ROUPA SUJA

Pois, ficou combinado o falarmos nós tres !

SABÃO SABIÁ

Pordão!... E' muito tarde!... E, demais, ouçam cá :
Todo o Norte festeja o bom *Sabão Sabiá* !

AGUA DA FONTE

Quanto mais o mercado o teu valor proclama,
Mais eu gosfo de ver levatares tua fama!...

SABÃO SABIÁ

De fama levantada, eu sou uma manteiga!..
Mas, ah ! que o meu rival é o *Extra*, de seu Veiga!...

ROUPA SUJA

A tua fama, bem sei, não é fama, assim, fugaz...

AGUA DA FONTE

E' fama que tem fama!..

SABÃO SABIÁ

Como ó diabo, ó mais ! (cantam)

Há poucos dias, certa dama,
Dizia, assim, cheia de espanto :
—E' fama e tanto a tua fama !

AGUA DA FONTE E RROUPA SUJA (*cantam*)

Que tu tens fama ? Isto eu garanto!...

Todos (*cantam*)

Assim, juntinhos,
Agarradinhos.

Pombos arrulam,
Ebrios de amor !...

ROUPA SUJA (*ao Sabão Sabià*)

—Ai ! Não me acoches !...

AGUA DA FONTE (*ao mesmo*)

—Ai ! Não me arroches !...

SABÃO SABIÁ (*ús duas*)

— Então, não bulam
Mais, por favor !...

AGUA DA FONTE (*ao Sabão Sabiá*)

Mas, enfim, meu rapaz, tu falas ou não falas ?

SABÃO SABIÁ

Vou falar, uma vez que estou mettido em talas !

ROUPA SUJA

Muito bem, muito bem ! Ouçamos o *Sabão*,
Que, em nossa praça, tem tão grande acceitação !

SABÃO SABIÁ

Sou um producto casual dessa forte *Reunidas*,
Que o Cascudo arrancou de umas coisas fallidas !...
O olhar do povo está no meu cêbo encravado...

AGUA DA FONTE

Não te esqueças, porém, que este povo...

ROUPA SUJA

E' safado !...

ELLE... ELLAS... E A OUTRA...

SABÃO SABIÁ

Ao saber que o *Sabão* é uma coisa famosa,
Reclamou-me, em Palacio, o mordomo Lustosa !...
E ao ver que eu consegui esta alta distincção,
Cascudo não quer mais saber de outro Sabão !

ROUPA SUJA

Si eu com elle encontrar-me, um dia, na Ribeira,
Direi : *Sen coronel... deixe dessa besteira !...*

SABÃO SABIÁ

Onde eu posso esfregar-me, a limpeza é decente !

AGUA DA FONTE (*sorrindo*)

Já sei que não há mal que contigo se aguento !

SABÃO SABIÁ

E a prova é que, na Sé, dizem, certos prelados,
Que o *Sabão Sabiá*—limpa uns certos peccados.

ROUPA SUJA

Si assim é, eu desejo, e a desejar sou franca,
Que esfregues sempre em mim a tua espuma branca.

AGUA DA FONTE

Mas, vê bem que o *Sabão* só espuma quando eu
Percorro, envolvo todo o jalde corpo seu.

(*Canta*)

Tem um aroma suave o *Sabão*...

ROUPA SUJA (*canta*)

Si assim é, no meu corpo penetra...

ELLE... ELLAS... E A OUTRA...

SABÃO SABIÁ (*canta*)

Dês que eu possa fazer comichão...

TODOS (*cantam*)

Et-cetera, et cetera, et-cetera !...

SABÃO SABIÁ

Tão grande é, no paiz, a minha preferencia,
Que, para maior gloria á fama que hoje vôa,
Do Rio me pediu...

AS DUAS

Quem foi ?!

SABÃO SABIÁ

A presidencia
Do illustre presidente — Epitacio... o p, sôa !...

ROUPA SUJA

Sabão, enchendo, assim, de orgulho a todos nós,
Disputado hás de ser, por todos os *Queiròs* !...

SCENA VII

OS MESMOS E A FABRICA DE TECIDOS, QUE
ENTRA Á FRENTE DE SEUS OPERARIOS, TRAZENDO ABERTO,
Á MÃO, UM DESPACHO TELÉGRAPHICO.

FABRICA DE TECIDOS (*do Sabão Sabiá*)

E, como vôa e corre o mundo a tua fama,
Eis-me, agora, apressada, a te falar, de perto,
Deste importante e bello e extenso telegramma,
Que acaba de enviar, do Reino, o rei Alberto !

ELLE... ELLAS... E A OUTRA...

AGUA DA FONTE

Mas, emfim, que é que diz esse testa corôada,
Depois que, com a Rainha, ausentou-se d'aqui ?

ROUPA SUJA (*troçando*)

Que o prato do Brasil melhor é—a Feijoada !

SABÃO SABIÁ (*imitando Roupas Sujas*)

E a bebida melhor do mundo—é a *Parati*.
(*Gargalhadas*)

FABRICA DE TECIDOS

Nada disto ! Elle, o Rei, solemnemente diz,
Transido de saudade, em meio ao Paço Real,
Que em breve, há de mandar, de seu regio paiz,
Toda a esquadra ancorar no porto de Natal !

ROUPA SUJA (*indignada*)

Mas, isso está cheirando a um prenuncio de
guerra !...

AGUA DA FONTE

A Belgica, ao Brasil, convulsões não trará !...

SABÃO SABIÁ (*muito arrogante*)

E o que pretende o Rei ? !

FABRICA DE TECIDOS

Abarrotar sua terra
De barras de sabão, mas só—*Sabão Sabiá !*

(*Apotheose final, illuminada a fogos de côr,
vendo-se ao F. o retrato do rei Alberto, ladeado pe-
las bandeiras do Brasil e da Belgica, e o verde es-*

tuário do Potengy, pejudado de grandes e pequenos vapores belgas.)

TODOS (*cantam*)

Toda gente do Norte proclama.
E a do Sul diz também que não há
Um sabão que se eguale na fama
Ao famoso—*Sabão Sabiá !*

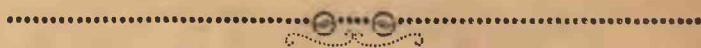
E' um *Sabão* excellente,
Que muito afamado está !
Quem quizer ver esp'rimente
—O bom *Sabão Sabiá !...*

E' da industria do cêbo o primeiro,
Quem usal-o, por certo verá !...
Rei dos reis do sabão brasileiro,
Foi c'rôado o—*Sabão Sabiá !...*

E' um *Sabão* excellente,
Que muito afamado está !...
Quem quizer ver exp'rimente
—O bom *Sabão Sabiá !...*

PANNO.

A DOENTINHA



SAINETE EM VERSOS

Especialmente escripto para ser re-
presentado, por um mimoso grupo in-
fantil, numa festa de caridade, que se
realizou no THEATRO CARLOS GOMES,
em a noite de 3 de maio de 1922,
em beneficio do INSTITUTO DE PRO-
TEÇÃO A INFANCIA, dirigido pelo illus-
tre e humanitario clinico, Dr. Varella
: : : : : Santiago : : : : :

CREANÇAS

LAURA, a mamãe	ROBERTA COSTA
BEATRIZ, a doentinha	HELENA CICCIO
SOPHIA, irmã de Beatriz	ELZA MIRANDA
ENFERMEIRA	IRENE TOSELLI
VISITANTE	DINORAH MONTE
Dr. PORTELLA, medico	GENAR WANDERLEY

SCENARIO

Uma alcôva modestamente mobiliada. Ao F. à E. do espectador, vê-se uma cama, com cortinado, —onde está Beatriz, deitada, doente, a dormir.

Laura, sua mãe, o dr. Portella e a enfermeira, Maria das Dores, rodeiam o leito. O medico tem, entre mãos, um vidro de poção amarella, que examina cuidadosamente. Ao um lado da cama está uma pequena mesa pejada de vidros de medicamentos. Desse ambiente evola-se um cheiro muito pronunciado de ether.

.....

SCENA I

LAURA (*contemplando Beatriz*)

Doente !... E tão bonitinha !...

DOUTOR

Vai aos poucos melhorando.

LAURA (*dando-lhe uma colher de remedio*)

Beatriz... ergue a cabecinha,
Toma o remedio, filhinha,
Que é mamãe que o está dando.

BEATRIZ (*despertando*)

Mamãe ? !



ROBERTA COSTA

NO PAPEL DE LAURA

A DOENTINHA

LAURA (*com muita meiguice*)

Sim. Ella, que quer
Te vêr bôa, meu amor.

BEATRIZ (*sorrindo*)

E's uma santa mulher !...

LAURA

Vamos... Bebe esta colher
Da poção de *seu* doutor.

BEATRIZ (*ao tomar o remedio*)

Onde está elle ?

DOUTOR (*approximando-se*)

A seu lado.
Sigo-lhe o curso febril.

BEATRIZ

Cada vez mais dedicado !...

DOUTOR (*sorrindo amavelmente*)

Bondade sua. Obrigado !

LAURA (*a sorrir, para o doutor*)

Mesmo doentinha, é gentil !

BEATRIZ (*apòs ligeira pausa*)

Tenho somno.

LAURA (*acariciando-a*)

Dorme, então.

DOUTOR

Que a cura não tarde a vir.

A DOENTINHA

LAURA

Coitadinha !... Tem razão...

ENFERMEIRA (*ao Doutor*)

Toda noite, em prostração,
Passou hontem, sem dormir !

DOUTOR

Em repouso é bom deixal-a.

LAURA (*à Enfermeira*)

Si ella acordar, por mim chama.

DOUTOR

Mas, tratem de vigial-a,
Sem que saiam desta sala,
Em redôr da sua cama.

LAURA (*vai descendo, acompanhada pelo medico*)

(*Ligeira pausa*)

Então, Doutor, que me diz ?
Como acha a nossa doente ?

DOUTOR

Segundo o exame que fiz,
Ouso afirmar que, Beatriz,
Em breve, é convalescente !

LAURA (*erguendo as mãos para o céu*)

Graças !... Deus seja louvado !..,

DOUTOR

Mas, junto della não saia...

A DOENTINHA

LAURA

Serei constante a seu lado.

DOUTOR

Pois, não havendo cuidado,
Póde ser que inda recaia !...

LAURA (*depois de pequeno silencio*)

Devo dár-lhe uma papinha
Mais tarde ?

DOUTOR

Por ora, não !...

LAURA

E' que ella está tão fraquinha !

DOUTOR

Quando a cura se avisinha
E' maior a prostação.

LAURA

O que me cumpre fazer,
Si a febre não voltar mais ?

DOUTOR

Precisa cuidados ter...
Carne não dê-lhe a comer
Que, por ora, mal lhe faz.

LAURA

Deve o leite preferido
Ser a outras refeições ?

A DOENTINHA

DOUTOR

Mas, muito e muito fervido,
Pois, assim, bem digerido,
Não trará complicações.

LAURA

Pois bem, Doutor, este seja
Seu regime alimentar...

DOUTOR

Como a senhora deseja,
Talvez hão ella já esteja
Quando, de novo, acordar.

LAURA (*revelando alegria*)

Deus o ouça.

DOUTOR (*depois de tomar o chapéu e a bengala*)

Agora queira
Dar licença, que me ausente...

(*Apertando a mão de Laura*)

Deixo consigo a Enfermeira
E vou, depressa, á Ribeira,
Dar injeção num doente.

(*Vai sahindo*)

SCENA II

LAURA, A ENFERMEIRA E BEATRIZ

LAURA (*tendo acompanhado o Doutor até a porta do F.*)

Doutor Portella, em verdade,
E' um sacerdote do Bem !



GENAR WANDERLEY

NO PAPEL DE DR. PORTELLA

Domina pela bondade
Com que faz a caridade
A'quelles que nada têm !...

(Vai ter junto à cama e contempla meigamente Beatriz, que ainda dorme, sob a vigilância carinhosa da Enfermeira.)

Pobre de minha filhinha !...

ENFERMEIRA

Seu mal já causou mais tédio !..

LAURA

Tão fraca !... Tão debilsinha !...

ENFERMEIRA

Passa as noites, coitadinha !..
A tomar, sempre, o remédio.

LAURA *(continuando a fitar Beatriz)*

Dorme tranquilla !...

ENFERMEIRA

Hoje, sim,
Não é mais um somno atôa..
Vê ? Parece um cherubim !...

LAURA *(descendo desalentada)*

Meu Deus, que será de mim,
Si o Doutor não pô-n'a bôa ? !

ENFERMEIRA *(acompanhando Laura)*

Tenha fé... Tenha esperança..

A DOENTINHA

LAURA

Não são estas minha luz ?

ENFERMEIRA

P'ra ver como a graça alcança,
Basta ter toda confiança
No coração de Jesus !...

LAURA (*meio duvidosa*)

Sim., Mas, vejo-a tão doente !

ENFERMEIRA

O seu mal, tenho a certeza,
Já deu mais cuidado a gente...
A pélla já foi mais quente...

LAURA (*desalentada*)

Mas, foi menor a fraqueza !

SCENA III

AS MESMAS E A VISITANTE

VISITANTE (*batendo palmas, da porta do F.*)

Dona Laura, dá licença ?

LAURA

Quem é ?

VISITANTE

Sou eu... a Sinhá.

LAURA (*admirada*)

Dona Sinhá ? ! Surpreza immensa !...

(Vai abraçar-a)

VISITANTE

Sò um motivo de doença
Me traria, hoje, por cá.

LAURA *(sorrindo)*

Sempre bondosa com a gente !...
Mas... de novo, o que me diz ?

VISITANTE

Que, só agora, infelizmente,
Soube se achar bem doente
Nossa querida Beatriz !

LAURA *(conduzindo a Visitante à cabeceira do
leito de Beatriz)*

Aqui a tem... já melhorada.

VISITANTE *(reparando na doentinha, que ainda
dorme.)*

Mas... muito magra !...

LAURA

De facto !

VISITANTE *(dirigindo-se à Enfermeira)*

Seu mal ?

ENFERMEIRA

E' febre e mais nada.

A DOENTINHA

VISITANTE (*falando á Laura*)

Pois, si quer vêl-a curada
Dê-lhe as *meizinhas* do malo.

ENFERMEIRA (*sorrindo ironicamente*)

Meizinhas ? ! (Aparte) Lá vem tolice !..

LAURA

Sigo um'outra indicação...

VISITANTE

Mas, deixe de caturrice !..

LAURA

E' que o Doutor já me disse
(*Mostrando um vidro de poção*)
Que eu só dêsse esta poção.

VISITANTE (*um tanto aborrecida*)

Qual nada !... Dê a doentinha,
Si é que ella febre inda tem,
—A *purga* da batatinha,
Que é uma santa *meizinha*,
Com que me dou muito bem.
Os milagres obtidos
Por quem usa esta raiz,
Já são muito conhecidos...

ENFERMEIRA (*desapontada com o conselho da visitante*)

Dona Laura, cerre ouvidos
Ao que a vizinha lle diz. .



HELENA CICCÓ

NO PAPEL DE BEATRIZ

A DOENTINHA

VISITANTE (*com ar de desdém, interrogando Laura*)

Quem é ?

LAURA

A nossa Enfermeira.

VISITANTE

Das purgas não gosta nada !...

ENFERMEIRA

Sou contra as drogas de feira,
Contra toda baboseira,
Que não é manipulada.

VISITANTE (*a Laura*)

Perdi meu tempo e o latim !...
Vou embora...

ENFERMEIRA (*aparte*)

Que impustôra !...

LAURA (*muito admirada*)

Com tamanha pressa, assim ?!

VISITANTE (*a Laura*)

Não tenha raiva de mim...

(*Apertando-lhe a mão*)

Adeus, filha ! (*Para a Enfermeira, desdenhosamente*) Adeus... doutora !...

(*Sai*)

SCENA IV

AS MESMAS, MENOS A VISITANTE

LAURA (*a Enfermeira*)

Parece que foi zangada,
Dona Sinhá, nossa vizinha !

ENFERMEIRA (*sorrindo*)

Si sahiu de venta inchada,
E' porque foi rejeitada
—A *purga* da batatinha !

BEATRIZ (*tosse, procura sentar-se, mas deita-se novamente*)

LAURA (*meio assustada*)

Ella acordou !

ENFERMEIRA

Posso agora
Dár-lhe, ao menos, chá com pão ?

LAURA

Nada disto !... De hora em hora,
Sem que haja a menor demora,
Dê-lhe a colher da poção.

BEATRIZ (*chamando Laura*)

Mamãe !...

• ENFERMEIRA

Vá, que ella a chamou.

LAURA

Já vou, meu anjo, já vou.

(Vai ter com Beatriz, affagando-a, beijando-a, com todo carinho.)

ENFERMEIRA *(em meio à scena)*

Dona Laura a noite inteira,
Passou, sem dormir querer !...

SCENA V

AS MESMAS E SOPHIA, QUE ENTRA NO INTERIOR DA
CASA, DEPOIS DE OUVIR O QUE DIZ A
ENFERMEIRA

SOPHIA

E' que a mamãe brasileira
E' a melhor enfermeira
Que as filhinhas pôdem ter.

ENFERMEIRA *(sorrindo)*

E' a menina Sophia ? !
Seja bem apparecida...

SOPHIA

Eu mesma que, todo dia,
Busco a santa companhia
De minha mamãe querida.

ENFERMEIRA

Filha, assim, tão desvelada,
Talvez mais ninguem estranhe !...

A DOENTINHA.

SOPHIA

E, por ser muito estimada.
Cada vez, sou mais beijada
Pelos labios da mamãe !...

(Noutra inflexão, chamando Laura)

Mamãe !...

LAURA. *(vindo ter com ella, enquanto Beatriz fica, outra vez, a dormir)*

Que tens a dizer ?
Prosegue... fala, filhinha.

(Dirigindo-se á enfermeira)

Vá com a outra agora ter.

(A enfermeira aproxima-se do leito de Beatriz)

SOPHIA

Eu desejava saber
Cemc é que vai a maninha ?.

LAURA

Tua maninha, Sophia,
Vai um pouco melhorada...
Mas, bem contra o que eu previa,
Pesar do que parecia,
Inda tem febre.

SOPHIA *(com muito pesar)*

Coitada !...



IRENE TOSELLI

NO PAPEL DA ENFERMEIRA

LAURA

No entanto, o Doutor Portella,
Em quem tenho muita fé,
Ao tratar da clientela,
Garantin-me, ha pouco, que ella,
Em breve, estará de pé.

SOPHIA (*sorrindo, muito admirada*)

Garantiu ? !

LAURA

Graças ao Christo !

SOPHIA (*após ligeiro silencio*)

Não creio !

LAURA

Descrês, portanto,
Inda mesmo depois disto ? !...
Que razões tens para isto ?

SOPHIA (*sorrindo, mas com um certo acanhamento.*)

Os doutores mentem tanto !...

LAURA

Não senhora ! Elles, realmente,
Prestam serviço famoso !

SOPHIA

Mas, vendo a morte na frente,
Enganam muito o doente !...

LAURA (*sorrindo*)

A DOENTINHA

Quando o doente é nervoso.

ENFERMEIRA

O nervoso é um bicho atroz !

LAURA

Um mal que punge a noss'alma !

SOPHIA

Nervosos, aqui p'ra nós,
Sei que são — seu Zé Queiróz,
E o poeta Francisco Palma !

ENFERMEIRA

O certo é que seu Doutor
Garante curar Beatriz.

LAURA (*erguendo os olhos para o céu*)

Permitta Nosso Senhor.

SOPHIA

Si isto, assim, verdade fôr
Serei contente e feliz !...

LAURA (*á Sophia*)

Si ella se restab'lecer,
Irás, dia da Ascensão,
Logo, após, o alvorecer,
Toda de branco, fazer
A primeira communhão !

SOPHIA (*muito admirada*)

De branco, foi que disséste ? !
Outra côr eu preferia...

A DOENTINHA

LAURA (*cheia de curiosidade*)

Qual, então ? !

SOPHIA

O azul celeste.

LAURA

Mas, de branco é que se veste
Quem recebe a Eucharistia.

ENFERMEIRA

O branco é—côr da pureza ...

LAURA

E' da noiva—a côr do véo ...

SOPHIA

E o azul—côr da belleza
Desse manto de turqueza,
Que a gente vê longe ...

ENFERMEIRA (*erguendo os olhos para o alto*)

O céu !...

LAURA (*á Sophia*)

Não achas boa a lembrança
Que ao sacrario nos conduz ?

SOPHIA

Acho ... Apesar de crença,
Sendo a flôr de uma esperança,
Creio no amor de Jesus !

A DOENTINHA

LAURA

Jesus !... Que nome sublime !...

ENFERMEIRA

Que meiga consolação !

LAURA

Só Elle, filha, redime,

SOPHIA (*inquieta*)

O que ?

LAURA

O trevoso crime,
Nagua lustral do perdão.

SOPHIA

Si Jesus, o Bem Amado,
Tem pena dos infelizes,
Ha de ser do seu agrado
Perdoar-me, hoje, um peccado
Venial ...

ENFERMEIRA

Venial ? !

LAURA

Que dizes ? !

SOPHIA (*meio chorosa*)

Que pequei, mamãe, pequei ...



† DINORAH MONTE
NO PAPEL DA VISITANTE,
e que faleceu mezes depois.

LAURA (*sobresaltada*)

Peccaste ? ! Então, és culpada ? !

SOPHIA (*muito tímida*)

Fui na dispensa e tirei
Todo o doce que encontrei,
Comi toda a goiabada !...

ENFERMEIRA (*rindo-se*)

Isto, assim, não é peccar . . .

LAURA

Si fosse, eu te ralharia . . .

(*Acariciando Sophia*)

Não continúes a chorar . . .
Olha, o que tem neste lar
— E' teu . . . é nosso, Sophia !

SOPHIA (*ainda um tanto desconfiada*)

Então, mamãe, me perdôa ?

LAURA (*muito amavelmente*)

Vê meu perdão como ahi vai :

(*Faz o gesto de abençoa-la*)

— Meu doce amor te abençôa !...

SOPHIA (*contentíssima*)

Ninguém tem mamãe tão boa
Como as filhas do papae !...

A DOENTINHA

(Abraça e beija Laura, com sofreguidão)

LAURA *(após ligeira pausa)*

Tu crês no amor maternal ?

SOPHIA

Como não crêr na existencia
De um fluido celestial,
Que faz o bem, nunca o mal,
Que vêla a nossa innocencia ?

ENFERMEIRA

Feliz de quem crê . . .

LAURA

Feliz
De quem vai á Igreja pia,
Onde o vigario nos diz,
A mim, a ti, a Beatriz :
—Que os bons, rezam todo dia !

SOPHIA *(depois de contemplar Beatriz á sua cabeceira, para onde se tem dirigido a passos abafados.)*

Dorme !... *(descendo)* E eu bem quizera vêr
Seu Doutor . . . Vontade immensa !

ENFERMEIRA

Para que ? !

SOPHIA

Para saber
Si elle póde me dizer
Quem foi que inventou doença.

LAURA (*sorrindo*)

Quando com elle estiveres
Pergunta, e a resposta alcanças,
Curiosa ...

SOPHIA

Mas, que queres ?
—O defeito das mulheres
Se reflecte nas creanças !...
Sim, não 'stivesse doentinha,
Longe, embora, de perigo,
E a minha bôa maninha,
Deixando o seu leito, vinha
Brincar bonecas commigo !...

LAURA

Mas, o Doutor, ainda agora,
Me disse que há de a salvar.

SOPHIA (*muito admirada*)

O doutor, só ? ! Não senhora !

LAURA

Quem mais ? !

SOPHIA

Direi, sem demora :
—Deus, em primeiro logar !

LAURA (*depois de beijar Sophia*)

Mimosa e doce creatura !...

ENFERMEIRA

Seu argumento é bem forte !

A DOENTINHA

SOPHIA

E' que a verdade perdura...
Pois, si o Doutor faz a cura,
Deus livra a gente da morte !...

LAURA

Mesmo assim, seja bem dita
A profissão doutoral...

ENFERMEIRA (*toma o pulso de Beatriz*)

Que, realmente, é bem bonita !

SOPHIA (*sorrindo*)

Embora um tanto esquesita,
Por ter cheiro de Hospital.

BEATRIZ. (*movimentando-se e chamando Laura*)

Mamãe !

SOPHIA (*assustada*)

Chamou-te a maninha !
E eu quero ir vê-la, a teu lado ...

LAURA

Já vamos vêr-te, filhinha ...

(*Para a Enfermeira*)

Terá, ella, coitadinha,
Inda com febre acordado ?

ENFERMEIRA (*muito satisfeita, indo ter com Laura e Sophia, enquanto Beatriz trata, surrateiramente, de levantar-se.*)



ELZA MIRANDA
NO PAPEL DE SÓPHIA

Não senhora !...

LAURA

Que há, Maria ? !

ENFERMEIRA

E' que estou muito contente !..

SOPHIA

Por que ? !

ENFERMEIRA

Sou toda alegria !...
Sua irmãsinha, Sophia,
Não tem febre !

LAURA E SOPHIA (*visivelmente alegres*)

Felizmente !...

BEATRIZ (*já de pè, mas junto á cama, muito satisfeita*)

Mamãe ! Já estou bôasinha !

LAURA (*sorrindo, abre os braços para estreitar Beatriz*)

Deixa apertar-te ao meu peito !...

BEATRIZ (*com os cabellos em desalinho e pasos incertos, corre aos braços de Laura*)

Tenho é fome, mamãesinha,
Manda comprar, p'ra filhinha,
—Dez cartuchos de confeito !...

LAURA Á ENFERMEIRA E SOPHIA (*jubilosas*)

A DOENTINHA

Está salva ! (*O dr. Portella estaca á porta*)

ENFERMEIRA

Saibamos della,
—Quem a salvou, num minuto?

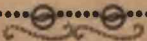
DOUTOR (*muito compenetrado*)

Foi a poção amarella,
Que este *seu* Doutor Portella
Trouxe, hontem, do *Instituto* !

PANNO.



COMO ISTO AQUI 'STÁ MUDADO!...

.....

SCENA COMICA

COMO ISTO AQUI 'STÁ MUDADO !...

SCENA COMICA

O VELHO BREDERÓDES, ENTRANDO, COM UMA PEQUENA
BOLSA DE VIAGEM Á MÃO.

Lá das abas de uma serra,
Voltei hontem, felizmente...
E, ah, que surpresa excellente
Tive, ao rever minha terra!
Vejo os bondes trafegando,
Toda gente transportando,
Dentro do horario marcado...
Predios novos construidos,
Vultos no bronze esculpidos.,.

—Como isto aqui'stá mudado !...

Hoje, em Natal, as creaturas,
Que não se servem do gaz,
Podem viver ás escuras,
Si é que o escuro lhes aprás...
Mas, fócios de luz moderna
Vão do palacio á caserna,
Quando o sol se tem deitado...
E aos *cinemas*, quem lá fôr,
Quantos deliquios de amor...

—Como isto aqui'stá mudado !...

COMO ISTO AQUI'STÁ MUDADO ...

Perdeu toda liberdade
Do outro tempo, o lixo audaz,
Que, ao fugir de alguns quintaes,
Ia flunar na Cidade.
Sem mais poder fazer móssa
A' Hygiene, eil-o em carroça
Para ser incinerado...
E, quando segue o seboso,
Que saudades do Cardoso...

.

—Como isto aqui'stá mudado !...

Ha velhotes de respeito,
Que, com feições de saguin,
Ostentam, por sobre o peito,
Os canteiros de um jardim !...
De elegancia requintada,
Cara sempre escanhoadá,
Dentro de um frack sellado,
Fazendo o seu *pé de alferes*,
Vivem sorrindo ás mulheres....

.

—Como isto aqui'stá mudado !...

Afinada, sempre déstra
No bemól, no sustenido,
Sem a batuta do Smido,
Ainda temos bôa orchestra !
Ess'arte não se define
Si, porventura, o Babine
Rege o compasso, a seu lado...
—Geme o violino, á vontade...
—Chora a flauta, de saudade...

.

—Como isto aqui stá mudado !...

Vamos bem, quanto a Instrucção
Que, em progresso, agora vai

COMO ISTO AQUI'STÁ MUDADO !...

Do Agreste para o Sertão,
De onde a lagarta não sai !..
Nos Grupos municipaes,
Quem nos ensine, hoje, ha mais
Do que quem seja ensinado...
Bem, por isto, os professores
Todos querem ser doutores...

—Como isto aqui'stá mudado !...

Na vida do jornalismo,
Um caso extraordinario !
—Vem se mantendo um *Diario*,
Em pról do Catholicismo !
Merece a coisa louvores,
A não ser de uns peccadores,
Devoto do deus Peccado...
Este, irmão gêmeo da Treva,
Fez peccar Adão e Eva...

—Como isto aqui'stá mudado !...

A carne verde e cansada,
Que tanto mal faz á gente,
Já não anda amortalhada
Como andára antigamente.
Sem que nos sirva de tróça,
Não passa mais em carroça,
Nem num cavallo esfalfado...
Agora, em *auto* elegante,
Vai ter ás mãos do marchante...

—Como isto aqui'stá mudado !...

Vestidos de *almofadinhas*,
No *Natal-Club*, uns frangótes,
Baniram walsas e *schottisks*,
Tal como certas senhorinhas !...

COMO ISTO AQUI'STÁ MUDADO !...

Só dançam coisas modernas,
Para volupia das pernas,
Num remexido engraçado...
E a dança tanto os excita
Que o *sereno*, ás vezes, grita :

*
—Como isto aqui'stá mudado !...

As *coquettes*, *melindrosas*,
Si ao 'Theatro, á noite, vão,
Não se pintam mais de—rosas,
Mas, da côr do vermelhão !...
Até velhas desdentadas,
Que pavor ! surgem pintadas,
Saudosas do seu passado...
E aqui, que ninguem nos ouça :
—*Bancando* tambem de moça...

*
—Como isto aqui'stá mudado !...

Os gatunos, caso sério,
Que operavam sempre juntos,
Já não vão ao Cemiterio
Despojar certos defuntos...
E' que a policia, matreira,
Deu caça áquella melgueira
Que trouxe o povo alarmado...
E, hoje, mui tranquillamente,
Dorme, á *b éssa*, toda gente...

*
—Como isto aqui'stá mudado !...

Os nossos bons funcionarios,
Que o monte-pio, hoje, rumam,
Não percebendo honorarios,
—Comem, bebem, jogam, fumam.
E, quando não, bem contentes,
Mostrando o marfim dos dentes

COMO ISTO AQUI'STÁ MUDADO !...

A quem lhe vende fiado,
Jámais perdem pagodeiras,
Muito embora as algibeiras...

· · · · ·
—Como isto aqui'stá mudado !...

Dos nossos bons sentimentos
Noto, apenas, com desdouro,
Que aqui ha muito namoro,
Porém, raros casamentos !...
Mas, eu sei porque razão,
E' que a farinha e o feijão
São phantasmas do noivado...
Pezar disto, vez em quando,
Vai um rapaz se arrazando...

· · · · ·
—Como isto aqui'stá mudado !...

Retretas, temol-as agora...
Duas bandas marciaes,
Cada qual a mais sonôra,
Tocam coisas magistraes !
E as praças ajardinadas
Enchem-se, então, de creadas
Que são doidas por soldado...
E, que colloquios de farda !
E, que idyllios de espingarda !

· · · · ·
—Como isto aqui'stá mudado !...

Quando eu aqui frequentava,
A' noite, uns certos *Cafés*,
Quanta gente suspirava
Pelo amor de uns *Coronéis* !...
Hoje, no entanto, são elles
Que, se lembrando daquelles
Tempos, de amor sepultado,
Entram na *farra*, na mona,

COMO ISTO AQUI'STÁ MUDADO !...

E acabam fazendo a *zona*...

· · · · ·
—Como isto aqui'stá mudado !...

A politica, hoje, reúne
Bons e mãos... coisa bem rara !...
Mas, mesmo assim, nada os une,
Enquanto tudo os separa !...
Pelo que vejo, parece
Que um dos grupos permanece
Sem mostras de eleitorado...
Querendo a sua ascensão
Inda que seja em balão...

· · · · ·
—Como isto aqui'stá mudado !...

Das *melindrosas* que vejo,
Tal é a impressão bonita
Que eu vou fazer minha *fita*,
Lhes offertando o meu beijo...
Mas, previno, depois disso,
Não contrahir compromisso...
Sabem por que ?—Sou casado...
Tanto assim que, ao ir embora,
Direi, em casa, á senhora :

· · · · ·
—Como isto aqui'stá mudado !...

PANNO.

OPINIÕES
(ANTERIORES)

OPINIÕES

**. De um certo tempo a esta parte, mais se tem accentuado o movimento literario, em Natal, dando-nos os intellectuaes indigenas bellas producções, em todos os matizes.

No genero theatral, cuja bagagem era, antigamente, de veras diminuta, contando-se bem poucos escriptores da terra que a elle se dedicavam com successo, é que mais temos notado se desenvolver a actividade dos affaiçoados das letras.

Não podemos deixar de reconhecer que, em parte, esse movimento mais se estimulou com a criação do *Gymnasio Dramatico*, cujos moços estudam com esforço e boa vontade as peças que lhes são confiadas, despertando, assim, o gosto artistico entre os nossos intellectuaes.

Em menos de um anno, tivemos quatro ou cinco revistas de critica aos costumes locais, além de outras peças de ensaio dramatico.

Ainda ha poucos dias annunciavamos que Ponciano Barbosa entregára ao *Gymnasio* o seu numero de estrêa theatral, um acto cheio de sentimento e de emoção, bem revelando, pelo titulo—O SONHO—su'alma de poeta bizarro.

Hoje cabe-nos ainda informar que Ezequiel Wanderley, sempre dado ás rimas burlescas e aos ditos jocózos, deixando o humorismo pelo sentimento emotivo, já tem prompta A MORTALHA DE ROSAS, que é um singelo episodio dramatico, em um acto.

Inspirou-o o maravilhoso conto AS ROSAS, da primorosa escriptora patricia d. Julia Lopes de Almeida.

Dizer que Ezequiel Wanderley soube tirar partido das

impressões que a leitura dessa joia lhe deixou é desnecessário. Todos lhe conhecem o pendor artistico e bem poderão avaliar o que seja A MORTALHA DE ROSAS.

Nada é impecavel, não ha contestal-o, e contentar ao grande publico, principalmente em assumptos de ribalta, é tarefa por demais espinhosa e difficilima.

Mas, si a peça tem senões, o seu auctor, certo, afasta-los-á, quando enscenal-a, porque o effeito dos escriptos theatraes só póde ser bem apreciado no palco, durante os ensaios, nos preparativos da grande *première*.

E, assim, perspicaz e atilado, como é, saberá aperfeiçoar o dialogo, compor os detalhes, remover as faltas, alterar algumas passagens, substituir certos lances, modificar qualquer scena, actualisando os factos e dando ao todo a naturalidade que tanto mais attrahente será, quanto mais simples fôr o entrecho.

Aguardemos, pois, que o *Gymnasio Dramatico* assuma essa grande responsabilidade de apresentar aos olhares de todos A MORTALHA DE ROSAS, que Ezequiel Wanderley teceu, e que já tivemos exposta ás nossas vistas.

A.

(D'A Republica, de 2 de Agosto de 1915.)

A MORTALHA DE ROSAS

Desde o dia em que Ezequiel Wanderley me fez a leitura de uma peça de theatro, de sua lavra, denominada A MORTALHA DE ROSAS, desejei escrever algumas linhas de apreciação ao seu trabalho, sem, entretanto, arvorar-me em critico.

Tratando-se de um poeta merecedor de toda estima, tanto pela bondade do seu coração amigo, como pelo amor que tem sabido consagrar ao desenvolvimento do nosso meio intellectual, é bem de ver me sentir á vontade bordando, para elle, estas referencias despretenciosas, mas expressivas e sinceras.

E assim o faço porque Ezequiel Wanderley tem, de facto, concorrido para o engrandecer do nosso archivo nesse formoso ramo da literatura patricia, tão bella, quanto difficil, em que vai revelando mais essa facie do seu espirito.

Entre aquelles que, entre nós, vão revelando esse pendor artistico, graças á iniciativa do *Gymnasio Dramatico* e aos estimulos da imprensa e do publico, o autor d'A MORTALHA DE ROSAS é um dos que não teem feito economia de esforço no sentido de collocar à luz do proscenio trabalhos essencialmente locais.

Irmão de Segundo Wanderley, o saudoso poeta e applaudido dramaturgo rio-grandense do norte, Ezequiel, ao lado de Ivo Filho, Jorge Fernandes, Ponciano Barbosa, Virgilio Trindade e outros, vai seguindo o mesmo caminho que tantos e repellidos applausos proporcionára, outr'ora, áquelle velho sonhador extinto.

Assim é que o genio de Julia Lopes, fulgindo sempre e, cada vez mais, nos seus maravilhosos labores literarios, des-

pertou no artista, pela brilhante concepção de um dos seus admiráveis contos do *ANCIA ETERNA*, esse interessante episódio dramático, que é *A MORTALHA DE ROSAS*.

Sò o poder da imaginação dos que trazem, através das gerações, o dom de penetrar os segredos da Arte de Alexandre Dumas e Julio Dantas, è capaz de nos tecer enredo semelhante, que bem pareça, dentro da propria fantasia, dolorosa realidade.

Da leitura, que ouvi d'*A MORTALHA DE ROSAS*, me ficou a mais agradável impressão.

—*André* é a figura sombria, mas desesperada, que o poeta imaginára para protagonista desse trabalho de theatro.

Cheio de infortunio, acorrentado á dor interminavel de uma torturante desillusão, *André* surge-nos dentro de sua magoa e de sua humildade imprevista, como *jardineiro*, na chacara azul de um conde libertino, que conseguira rehaver a fortuna perdida n'um casamento feito ás malhas da conveniencia.

Esse *jardineiro*, que tanto amára e tanto soffrera, lembra, ás vezes, nos seus incontidos sentimentos de revolta, uma daquellas personagens trabalhadas á feição de Maximo Gorki.

Não esqueci ainda a surpresa do encontro de *André*, o noivo desditoso, com a infeliz *Rosa*, a flor esmaecida, que tombára do caule, e, mais tarde, fustigada pelo amante e golpeada pelo remorso, procura, se não voltar á doçura do amor, ao menos abrigar-se á sombra protectora desse a quem ella tão levianamente trahira.

E' uma scena commovente, feita de recordações doridas, recriações austéras e lagrimas de arrependimento.

Mas, quando *Rosa* deixa perceber, entre soluços, a exis-

tencia dessa afeição irremediável, que a fizera esquecer a pureza dos sentimentos, segue-se, então, a luta do amor com a vergonha do opprobrio.

Depois, o tragico desenlace—a morte revoltante da culpada e a confissão imperturbável do criminoso passional, diante do cadaver, que elle volteára de rosas e que o *Conde*, com extraordinaria surpresa da *Condessa* e de *André*, num gesto lacerante de angustia, reconhece ser o de uma filha bastarda...

Esse final é forte e, nas suas variantes modalidades, como recorda uma dessas phrases musicaes, traduzindo a inquietação infernal da alma de Wagner.

E essas rosas, que cobriram o corpo gelido de *Rosa*, deram ao episodio dramatico de Ezequiel Wanderley a expressiva denominação de A MORTALHA DE ROSAS, que é bem um florão literario.

B. SOBRINHO.

(D'O *Theatro*, de 3 de Maio de 1916.)

OPINIÕES
(POSTERIORES A' REPRESENTAÇÃO)

APOTHEOSE

A' "COMPANHIA LUCILIA PERES," EM HOMENAGEM Á PRIMEIRA REPRESENTAÇÃO D'"A MORTALHA DE ROSAS",
DE EZEQUIEL WANDERLEY.

Bemdicta seja a luz do genio que fulgura...
Bemdicto seja o sol fecundo e abrasador,
Que se apaga, vellado em nuvens de amargura,
Para surgir, depois, em manhãs de esplendor.

Lampejo azul, clarão que o nosso olhar procura...
Paira, entre a terra e o cêo, bello e consolador,
Abrindo no seu vôo, á Gloria e á Desventura,
—Um caminho á illusão, e outro caminho á Dor.

Artistas, que viveis nas azas da chimera,
Repassando, na scena, os constrastes da vida :
—A alegria, que ri, e o mal, que dilacera...

Vós trazeis a emoção e o contagio profundo
Da comedia real, humana, indefenida,
Que enche de sombra e luz o scenario do mundo !...

Natal, 30 de Maio de 1916.

FRANCISCO PALMA

(Este soneto foi recitado, pelo autor, após a representação d'"A MORTALHA DE ROSAS").

"A MORTALHA DE ROSAS"

A' LUCILIA PERES

ROSA fôra feliz no seu passado...
Em su'alma, ridente e sonhadora,
Guardara—e dir-se-ia immorredora—
A crença azul do seu gentil noivado.

Mas, voluvel, cruél, enganadora,
A's juras desse amor tendo violado,
ROSA, abandona ANDRÉ, fuge trahidora,
E o torna eternamente degraçado !...

Mas tarde, então, um dia, o jardineiro
Vê cahir a seus pés, junto a um canteiro,
Sua noiva infeliz, triste andrajosa...

E, entregue a furia de um ciúme insano,
Desvairado, a estrangula o deshumano...
Depois... de rosas, amortalha ROSA !...

Natal, 30 de Maio de 1916.

MARIA CAROLINA

(Distribuido ao ser representada "A MORTALHA DE ROSAS".)

THEATRO CARLOS GOMES

COMPANHIA "LUCILIA PERES E LEOPOLDO FRÓES"

Com o espectáculo de hontem, terminaram as recitas de assignaturas.

Subiram á scena o episodio tragico-dramatico, de Ezequiel Wanderley, "A MORTALHA DE ROSAS", e a peça de Tristão Bernard, O ILLUSTRE DESCONHECIDO.

O trabalho do nosso patricio foi inspirado num bellissimo conto de Julia Lopes de Almeida.

O seu entrecho resume-se na historia tragica do amor infeliz de uma pobre rapariga, *Rosa*, filha natural do *Conde dos Roseiraes*, e ex-noiva de *André*, jardineiro do *Conde*, que se entrega, antes de se casar, a um seductor, ladrão de sua honra, para morrer, depois de abandonada pelo amante e de ter descido a todos os vícios, estrangulada pelas mãos de seu ex-noivo, que lhe procura arrancar dos labios o juramento de que esqueceria, para sempre, o causador de seu infortunio...

No desempenho do episodio de Ezequiel Wanderley trabalharam os melhores artistas da *Companhia "Lucilia Peres e Leopoldo Fróes"*, motivo pelo qual esperavamos um grande exito na representação. Mas foi um engano. Notava-se perfeitamente que os artistas, com excepção de Lucilia Peres, cuja parte era pequena, e do sr. Manuel Mattos, que estava mais ou menos seguro, não tinham feito ensaios sufficientes.

E' admiravel que assim tenha acontecido, tratando-se de artistas dirigidos pelo talento, competencia e responsabilidade do sr. Leopoldo Fróes e da sra. Lucilia Peres.

Os srs. Attila Moraes, (*André*) Fmygdio Campos, (*Con-*

de dos *Roseirae*s) e Cecilia Neves, (*Condessa dos Roseirae*s) quasi nada sabiam da seus papeis.

Falavam sempre depois do *ponto*.

Pronunciavam, às vezes, demoradamente, palavra por palavra, phrases que deviam ser ditas sem hesitações e pausas compromettedoras do seu verdadeiro sentido e do pensamento do autor.

O sr. Leopoldo Fróes não foi um intruso na peça... Mas aquelle creado, como a sua imaginação o inventára, não deveira ter nascido...

Ao fazermos esta ligeira apreciação sobre o episodio tragico-dramatico de Ezequiel Wanderley achamos que elle, muito embora o cuidado e a correcção de linguagem com que foi escripto, resente-se de alguns defeitos, que somente em scena poderiam ser notados.

Por exemplo: a scena entre o *commendador Velasques*, Manuel Mattos, *Conde dos Roseirae*s, Emygdio Campos, e a *Condessa dos Roseirae*s, Cecilia Neves, além de monotona, é estafante. Aquella estirada sobre politica e a triste situação do Brasil actual, era desnecessaria, principalmente naquelle tom dogmatico com que o *commendador* pontificava, para concluir convidando o *Conde* e a *Condessa* a assistirem á representação d' "*O ESCANDALO*", de Medeiros e Albuquerque, pela *Companhia Nina Sanzi*. Foi um tempo precioso, que o talento do autor poderia ter aproveitado na feitura de duas ou mais scenas de movimento e de effeito.

Um outro ponto digno de reparo é a maneira pela qual Ezequiel Wanderley arranhou a scena final.

Não achamos feliz o epilogo.

Pensamos que teria sido de extraordinario effeito para

os espectadores, visivelmente emocionados, diante do quadro pavoroso do estrangulamento, si o panno cahisse, logo depois de ter sido amortalhado, em rosas, o cadaver de *Rosa*, com aquella tocante e formosa supplica às flores, que o *jardineiro* espargia.

A emoção ali não devera ter intermittencias.

A solução de continuidade, para dar logar aos gritos do *Conde* e da *Condessa*, chamando *André*, prejudicou, de alguma forma, a scena empolgante da morte tragica de *Rosa* e quebrou o silencio imponente daquelle momento, que deveria ter passado de modo brusco.

Si assim succedesse, não lamentariamos o desastre do sr' Emygdio Campos, *Conde dos Roseirões*, que, em vez de dar vida á scena morta, diante do cadaver da estrangulada, matou a vida da scena, com que Ezequiel Wanderley epillogou a sua mimosa e encantadora producção.

Em synthese:—si não fôra isso, a peça do talentoso belletrista alcançaria completo successo.

Mesmo assim, a impressão não somente nossa, mas de todos, estamos certos, os que assistiram á “A MORTALHA DE ROSAS”, foi a mais agradável possível.

E a nossa platêa, applaudiundo calorosamente o trabalho de Ezequiel Wanderley, nada mais fez do que honrar o merito do autor que bem merece os nossos parabens.

Ainda uma vez, lamentamos que o desempenho não correspondesse ao valor da peça do intellectual norte-riograndense.

Ao baixar o panno, foram os artistas chamados á scena, tendo o conhecido e festejado poeta Francisco Palma recitado,

um bellissimo soneto, dedicado aos artistas que interpretaram
a "A MORTALHA DE ROSAS", soneto que foi profusamente dis-
tribuido.

(D'*A Republica*, de 1 de Junho de 1916.)

PELA ARTE

Recordando a leitura do livro de Eurico Ferri—*Les criminels dans l'art et la littérature*—procurei estudar a peça lavada, hontem, pela Companhia "*Lucilia Peres*," da lavra do talentoso dramaturgo Ezequiel Wanderley.

Dentre as classes divisoras do mundo criminal, ha a dos criminosos passionaes; isto é, o crime perpetrado num momento de allucinação passional, tendo por causa a paixão morbida que priva o indivíduo dos sentidos, a ponto de cometer o unico mal irreparavel no mundo—a morte.

No entanto, me parece que, apesar da perfeita technica com que foi feito o excellente trabalho, há alguns detalhes a reflectir.

Hoje em dia, no theatro moderno, já se não pensa mais em conferir, quer ao marido enganado, ao amante trahido, ou ao noivo ludibriado, o direito de tirar a vida de alguem. E quando isso acontece, impellimos a culpa para a suggestão morbida do typo passional; portanto, ahi está, ao meu ver, através de minha visão de mulher, um ponto, apenas, criticavel.

Além disso, occorre o historico do episodio, a resignação com o facto consumado da trahição, que já vinha, de algum tempo atraz, produzindo, é verdade, naquelle jardineiro letrado, sociologo e philosopho, a queda para os mistéres servís, o que, aliás, a meu ver, é o facto mais original que existe.

A força da paixão ou impelle o homem a um gesto violento em si, ou em outrem, ou se desregra e o anniquilla, ou então dá-lhe a vida resignada e contemplativa do indifferentismo, que acrysolá a sua dôr, que a ruma no seu silen-

cio. Mas, fazel-o decahir de altas posições ao mistér bucolico de jardineiro sisudo, mudo e melancolico, é um facto pouco observado, mas, que pôde, todavia, acontecer.

Já passou a theoria que jungia o comportamento da mulher á honra do homem, de modo a dar-lhe um certo direito á vida da pessoa que o deshonrava irremediavelmente.

Abatidos um pouco o egoismo e a vaidade do homem, ficou a sociedade convencida que, acontecendo um desastre destes, o homem é um infeliz, uma victima digna de todo o respeito, que entrega ao julgamento dessa mesma sociedade a mulher que se transviou. E nós sabemos como são severos os seus castigos e como o desprezo a fere profundamente.

Os actos violentos, portanto, só se desculpam nos loucos de paixão, e, nesse numero, a vista do que se viu, não pôde figurar aquelle jardineiro cuidadoso e calmo.

Há, além disso, aquelle pae quasi indifferente, deante da filha morta, e a myopia em que estava aquelle par de nobres, não vendo o cadaver estendido, quasi sob os pés.

Si a scena ahi fosse de uma rapidez extraordinaria, ainda se concebia, mas a philosophia discorreu, por um tempo relativamente longo, e, afinal, sobreveio uma frieza quasi geral.

Aquella scena, em que se discutiu politica nacional, a desavença motivada pelo ciúme e, logo depois, a paz subsequente, tudo isso foi menos natural.

Convençei-me, porém, de que toda a peça gyrou em redor da phrase—MORTALHA DE ROSAS—que foi dita lá no fim, num desfecho constrangido,

De tudo isso se conclúe que a peça não é má, e foi mesmo bastante app'audida.

A arte é canto da natureza, visto através de um tem-

peramento, como disse Zola. E nós outras, mulheres, achamos todos os gestos violentos enervantes e em desacordo com a civilização que avança e com as modernas theorias da arte dramatica, que não gosta de estudar esses factos criminosos, essas más lições de paixão incontida.

As scenas all decorreram com certa facilidade e as phrasas são bem feitas, sem descair em banalidades.

Quanto á outra peça, a comedia—O ILLUSTRE DESCONHECIDO—não querendo ser injusta, traçando um elogio rasgado não só ao seu valor, como á sua representação, é conveniente ficar por aqui, visto que não quero, de forma alguma, melindrar a quem quer que seja, principalmente aos distinctos artistas Leopoldo Fróes e Lucilia Peres. Havia, creio eu, pouco ensaio, e mais nada...

Deve-se, contudo, salientar o trabalho dos excellentes artistas n'A MORTALHA DE ROSAS, que, em tão breve tempo, para montagem, marcação e ensaios, foi bem interpretada.

Pobre rosas !

Fizeram-me lembrar aquella quadra de Tobias:

Até nas flores se encontra
A differença da sorte :
—Umas enfeitam a vida,
—Outras enfeitam a morte!...

ALDA RIENZO

(*D'A Imprensa*, de 1º de Junho de 1916.)

CARTA DE UMA ARTISTA

Natal, 30 de Setembro de 1925.

Illmo. Sr. Ezequiel Wanderley

Nesta.

Meus cumprimentos.

Devolvo-lhe a letra da peça MORTALHA DE ROSAS, acompanhada dos meus mais ardentes e sinceros parabens.

Li e reli, com muita attenção, todas as passagens desse seu bello trabalho theatral, e sinto devéras que esse formoso original me chegasse às mãos tão tarde... já na vespera da minha partida.

Aquelle papel de *Rosa*, embora pequeno, é de uma dramaticidade elastica e diz bem com o meu temperamento de artista dramatica.

Teria immenso prazer em brindar a culta platéa natalense com essa sua magnifica criação.

Infelizmente, porém, a exiguidade de tempo priva-me de mais esse triumpho em sua terra natal, de onde vou partir, levando as gratas recordações de minha ephemera passagem.

Terminando, pois, renovo-lhe os meus cumprimentos pelo seu honesto e primoroso trabalho theatral.

Sem mais, sou—

De V. S.
Admiradora grata,

MARIA CASTRO.